CARTA PASTORAL

DO

Em.mo Snr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro

COMMUNICANDO

AO CLERO E FIEIS DA ARCHIDIOCESE

A Encyclica "Pascendi dominici gregis"

DO SUMMO PONTIFICE PIO X

Rio de Janeiro
TYPOGRAPHIA LEUZINGER
—
1908

856

262-852(81)
C 366 ip
1908

CARTA PASTORAL

CARTA PASTORAL

DO

Em.mo Snr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro

COMMUNICANDO

AO CLERO E FIEIS DA ARCHIDIOCESE

A Encyclica "Pascendi dominici gregis"

DO SUMMO PONTIFICE PIO X

T. 31371

Rio de Janeiro
TYPOGRAPHIA LEUZINGER
—
1908

856

JOAQUIM ARCOVERDE DE ALBUQUERQUE CAVALCANTI

Cardeal Presbytero da Santa Egreja Romana

Do Titulo dos SS. Bonifacio e Aleixo

POR MERCÊ DE DEUS E DA S. SÉ APOSTOLICA

Arcebispo Metropolitano

DE S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

Ao Ill.mo e Rev.mo Cabido,
ao Rev. Clero e ao Povo fiel da Cidade e Archidiocese
de S. Sebastião do Rio de Janeiro

Saudação, paz e benção em Nosso Senhor Jesus Christo

Veneraveis Irmãos e amados Filhos

Vamos dar publicidade authentica, em nossa Archidiocese muito amada, á ultima Encyclica « *Pascendi dominici gregis* » do augusto Pontifice Pio X.

Esse valioso documento pontificio tem sido estampado e commentado em varias linguas; e de todas as partes do mundo, pelos diversos meios de que usa a civilisação moderna, os Bispos, as Corporações Religiosas, as Associações Catholicas, pelos seus orgãos competentes, têm rendido as mais significativas homenagens de admiração, de submissão e amor filial a esse grandioso e solemne documento.

de zelo pastoral, que, no actual momento deu ao mundo catholico o Summo Pontifice Pio X.

Ao publicarmos este acto pontificio, uma só palavra se impõe: a palavra que espontaneamente irrompe de nossas almas illuminadas pela magistral doutrina, dos nossos corações inundados de gratidão por essa medida salvadora, — a palavra de nossa adhesão filial e reconhecida ao supremo pastor de nossas almas, ao augusto successor de Pedro.

D'um só golpe foi ferida na cabeça a perniciosissima serpe da heresia. Logo ao apparecer foi solemnemente condemnada, e sua marcha paralysada sem detença.

A' onda do mal, que se avolumava e crescia, ameaçando invadir a Egreja, oppoz-lhe a Providencia os diques poderosos da energia e da vigilancia de um grande Papa. A data desse acto providencial, 8 de Setembro de 1907, ficará memoravel na historia da Egreja, e o anniversario da natividade de Maria assignalará um verdadeiro renascimento para os progressos da sã doutrina e dos santos principios.

*

Caso deploravel, Veneraveis Irmãos e amados Filhos, mas infelizmente verdadeiro, é o que se passa actualmente no seio de nossa Santa Egreja: os inimigos della e da religião já se não encontram sómente nos arraiaes inimigos, entre dissidentes e

encarniçados adversarios, sinão tambem entre os que professam a religião catholica e catholicos se dizem.

Oh! como vem de molde lembrar aqui o dito do Espirito Santo: *o homem tem dentro de si seus proprios inimigos; o homem é muitas vezes inimigo de si mesmo; e os inimigos do homem se acham no seio de suas proprias familias.* Inimici hominis domestici ejus. Ps. X. 6. Math. X—36.

Isto, porém, consterna e faz sangrar o coração do verdadeiro crente, do homem de fé, que conhece os principios de sua religião, desta santa doutrina, cuja certeza se apoia em factos tão conhecidos e incontestaveis, cujos dogmas sublimes são tão conformes com os principios da mais alta philosophia, cuja moral é tão pura, suave e consoladora, cujo culto é tão nobre, tocante e conforme com as necessidades do coração humano! A religião, que civilisou o mundo, e á qual devemos tudo o que o genio produziu de grande e sublime; a religião, da qual se póde dizer o que se disse de seu divino Autor, *que della uma virtude se destacou*, para se derramar como balsamo suavissimo sobre todas as enfermidades; ella, que cobriu de seus beneficios todos os recantos da terra, como póde ver filhos, que cresceram ao calor de seu seio, agora transformados em inimigos rancorosos, conspirarem nas trévas contra sua existencia e procurarem apunhalar-lhe o coração, para fazel-a inteiramente desappa-

recer do meio dos homens; e que nesse precipicio em que se lançaram não poupam nem a pessôa do Divino Redemptor, reduzindo-o á condição de um puro e simples homem?

Ah! Veneraveis Irmãos e amados Filhos, a que abysmos podem chegar homens, aliás distinctos e respeitaveis pelo seu saber e pelos seus sentimentos, mas arrastados pelas paixões da soberba e do orgulho! Perdida inteiramente a fé, precioso thezouro e penhor de vida eterna, que receberam no baptismo, afundam-se no abysmo da heresia. « *E o que exige*, diz o Summo Pontifice, *que sem demora falemos é antes de tudo que os fautores do erro já não devem ser procurados entre inimigos declarados; mas, o que é muito para sentir e receiar, occultam-se no proprio seio da Egreja, tornando-se dest'arte tanto mais nocivos quanto menos percebidos. Alludimos, Veneraveis Irmãos, a muitos membros do laicado catholico, e tambem, cousa ainda mais para lastimar, a não poucos do clero que, fingindo amor á Egreja e sem nenhum solido conhecimento de philosophia ou theologia, mas embebidos antes das theorias envenenadas dos inimigos da Egreja, blasonam, postergando todo o comedimento, de reformadores da mesma Egreja; e, cerrando ousadamente fileiras, se atiram sobre tudo o que ha de mais santo na obra de Christo, sem pouparem siquer a mesma pessôa do Divino Redemptor, que com audacia sacrilega rebaixam á craveira de um puro e simples homem* ».

Não, não é muito que o Santo Padre os chame inimigos da Egreja e inimigos perigosissimos. *Estes em verdade, continúa o Pontifice, não já fóra, mas dentro da Egreja, tramam seus perniciosos conselhos; e por isto, é por assim dizer nas proprias veias e entranhas della que se acha o perigo, tanto mais ruinoso quanto mais intimamente elles a conhecem.*

*

O Santissimo Padre, Veneraveis Irmãos e amados Filhos, continuando em sua maravilhosa Encyclica a examinar e analysar os manejos e as doutrinas dos *modernistas*, que este é o nome pelo qual são conhecidos os dissimulados hereges, faz uma completa exposição, cujos pontos principaes passaremos a mencionar, começando pelo *agnosticismo*, que é como que a base da philosophia religiosa dos *modernistas*. O agnosticismo é o dogma da *ignorancia necessaria*, como o definiu um escriptor contemporaneo. Segundo o agnosticismo, a razão não se pode elevar a Deus, nem conhecer-lhe a existencia; donde se segue que Deus não pode ser objecto directo da sciencia nem tão pouco um personagem historico; desde logo desapparecem da téla dos conhecimentos scientificos a theologia natural, os motivos de credibilidade e a revelação externa.

A *sciencia* e a *historia* dos *modernistas* devem ser atheas, eis tudo!

O agnosticismo, porém, constitue tão sómente a

parte negativa do *modernismo*; a sua parte positiva é constituida pelo *immanentismo* ou pela *immanencia vital*, que faz da religião um producto da *subconsciencia* individual e collectiva. Deus é objecto da religião, donde se segue que a fé, principio e fundamento de toda religião, tem sua origem na necessidade da divindade, elaborada na *subconsciencia*.

O sentimento religioso, pois, que pela *immanencia vital* se forma nos reconditos da *subconsciencia*, é o germen de toda a religião e de tudo quanto á religião se prende. Os dous termos dentro dos quaes giram a sciencia e a historia são: um exterior e outro interior, o *mundo visivel* e a *consciencia*. Alem destes dous termos está o *incognoscivel*.

Após um Deus proscrito pelo agnosticismo; após um Deus produzido pelo immanentismo, apresentam os modernistas o *Deus-Verdade*, isto é, o dogma christão, desfigurado pelo *evolucionismo*! pois, é principio dos *modernistas* que, em uma religião que vive, nada ha que não mude e se transforme: o *dogma*, *a constituição da egreja*, *o culto*, *os livros santos*, *a fé*, tudo está sujeito ás leis da evolução! *Fica-se pasmo*, exclama Pio X, ao ouvir *affirmações tão audaciosas e sacrilegas! Entretanto, Veneraveis Irmãos, não é esta a linguagem usada temerariamente só pelos incredulos. Homens catholicos, e até muitos sacerdotes, affirmaram estas cousas publicamente; e com delirios taes se vangloriam de reformar a Egreja!*

*

Basta! veneraveis Irmãos e amados Filhos, assaz vos temos dito para fazerdes juizo aproximadamente exacto das doutrinas perniciosissimas do falado *modernismo*. Lêde a magnifica Encyclica do nosso S. Padre e por vós mesmos chegareis a conhecer quão justas são as seguintes palavras de que usa o augusto Pontifice quasi ao rematar sua analyse a respeito das doutrinas modernistas: « *Si, pois, de um só lançar d'olhos attentarmos para todo o systhema* (dos modernistas), *a ninguem causará pasmo ouvir-Nos definil-o, affirmando que elle é a synthese de todas as heresias* ».

*

O Santo Padre, Veneraveis Irmãos e amados Filhos, desentranhou com admiravel precisão, e com mão firme verberou os erros e os desvarios scientificos do *modernismo*. Os erros principalmente, que serpeiam na esphera da theologia, da philosophia, da exegese biblica, da critica-historica e da apologetica eram os que mais directamente interessavam á integridade da fé, e para ahi dirigiu o doutor da fé, o mestre infallivel, suas attenções e seus cuidados; mas esse moderno protheu, debaixo de outras formas variadissimas tem apparecido no campo social; é mister que ahi o sigam os paladinos da verdadeira doutrina e lhe dêem o golpe de morte.

Guardemos, Veneraveis Irmãos e amados Filhos, com piedosa submissão e fiel docilidade os ensina-

mentos e os conselhos paternaes do pae amoroso e do vigilante Pontifice. Peçamos a Deus Nosso Senhor que abrevíe os dias angustiosos e de provações, que atravessa a Nossa Egreja e traga á familia christã e ao seu chefe, Vigario de Nosso Senhor Jesus Christo, a gloria de assistirem á restauração do reino de Deus em todos os corações. Por fim, Veneraveis Irmãos e amados Filhos, para desde já dar execução ás sabias prescripções feitas aos Srs. Bispos na Encyclica que acabastes de lêr havemos por bem determinar o seguinte :

1º

Fica estabelecida nesta Archidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro uma commissão de *Censores Diocesanos* por Nós nomeados, afim de que se encarreguem de examinar os livros e publicações que, em vista dos artigos XLI e XLII da Constituição OFFICIORUM, do S. Padre Leão XIII, se não podem apresentar ao publico sem licença da Autoridade Ecclesiastica.

2º

Fazemos scientes a todos os ecclesiasticos de nossa Archidiocese de que não poderão tomar a direcção de jornaes ou revistas, quaesquer que sejam, sem Nossa licença.

3º

Instituimos em nossa Archidiocese um Conselho de vigilancia doutrinal para os fins a que se refere esta Encyclica, no paragrapho VI. Esse Conselho constará de 3 a 5 membros, e se reunirá de dous em dous mezes.

4º

Esta nossa Carta Pastoral e a Encyclica annexa sejam lidas aos fieis pelos RR. Parochos, Curas e Capellães, na primeira Dominga após sua recepção, em seguida registrada e archivada.

5º

Façam-nas ler os respectivos Superiores no Seminario Metropolitano, Communidades Religiosas, Collegios catholicos, Hospitaes, Casas de Caridade e Asylos.

Ao terminar estas prescripções, pedimos do intimo d'alma a Deus Nosso Senhor, que com a benção que vos enviamos, vos conceda as riquezas de sua graça a paz e tranquillidade de vossas almas.

Dada e passada em nossa Residencia Archiepiscopal, sob o Signal e Sello de Nossas Armas, aos 17 de Janeiro de 1908.

† J. Card. Arcebispo do Rio de Janeiro.

L. + S.

CARTA ENCYCLICA

DE

Sua Santidade o Papa Pio X

AOS PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS,
BISPOS E OUTROS ORDINARIOS EM PAZ E COMMUNHÃO
COM A S. SÉ APOSTOLICA

ACERCA DAS DOUTRINAS MODERNISTAS

PIO X PAPA

Veneraveis irmãos,
saude e benção apostolica.

A missão, que nos foi divinamente confiada, de apascentar o rebanho do Senhor, entre os principaes deveres impostos por Christo conta o de guardar com todo o desvelo o deposito da fé transmittida aos Santos, repudiando as profanas novidades de palavras e as opposições de uma sciencia fementida. E na verdade esta providencia do supremo pastor foi em todo o tempo necessaria á Egreja Catholica; porquanto, devido ao inimigo do genero humano nunca faltaram *homens de perverso dizer* (1), *vaniloquos e seductores* (2), *que caïdos elles em erro arrastam os mais ao erro* (3). Comtudo ha mister confessar que

(1) Act. XX, 30. — (2) Tit. I, 10.— (3) II Tim. III, 13.

nestes ultimos tempos cresceu sobremaneira o numero dos inimigos da cruz de Christo, os quaes, com artificios de todo ardilosos, se esforçam por baldar a virtude vivificante da Egreja e solapar pelos alicerces, si dado lhes fosse, o mesmo reino de Jesus Christo. Por isto já não Nos é licito calar, para não parecer faltarmos ao Nosso santissimo dever, e para que se Nos não assaque a descuido de nossa obrigação a benignidade de que, na esperança de melhores disposições, até agora usámos.

E o que exige que sem demora falemos, é antes de tudo que os fautores do erro já não devem ser procurados entre inimigos declarados ; mas, o que é muito para sentir e receiar, se occultam no proprio seio da Egreja, tornando-se dest'arte tanto mais nocivos quanto menos percebidos.

Alludimos, Veneraveis Irmãos, a muitos membros do laicado catholico e tambem, cousa ainda mais para lastimar, a não poucos do clero que, fingindo amor á Egreja e sem nenhum solido conhecimento de philosophia ou theologia, mas, embebidos antes das theorias envenenadas dos inimigos da Egreja, blasonam, postergando todo o comedimento, de reformadores da mesma Egreja ; e cerrando ousadamente fileiras, se atiram sobre tudo o que ha de mais santo na obra de Christo, sem pouparem siquer a mesma pessôa do divino Redemptor que, com audacia sacrilega, rebaixam á craveira de um puro e simples homem.

Pasmem embora homens de tal casta que Nós os ponhamos no numero dos inimigos da Egreja ; não poderá, porém, pasmar com razão quem quer que, postas de lado as intenções de que só Deus é juiz, se applique a examinar as doutrinas e o modo de falar e de agir de que lançam elles mão. Não se afastará, portanto, da verdade quem os tiver como os mais peri-

gosos inimigos da Egreja.—Estes em verdade, como dissemos. não já fóra mas dentro da Egreja, tramam seus perniciosos conselhos; e por isto, é por assim dizer nas proprias veias e entranhas della que se acha o perigo, tanto mais ruinoso quanto mais intimamente elles a conhecem. Além de que, não sobre as ramagens e os brotos, mas sobre as mesmas raizes, que são a fé e suas fibras mais vitaes, é que meneiam elles o machado. Batida pois esta raiz da immortalidade, continuam a derramar o virus por toda a arvore, de sorte que cousa alguma poupam da verdade catholica, nenhuma verdade ha que não intentem contaminar. E ainda vão mais longe; pois, pondo em obra o sem numero de seus maleficos ardís, não ha quem os vença em manhas e astucia; porquanto, fazem promiscuamente o papel ora de racionalistas, ora de catholicos e isto com tal dissimulação que arrastam sem difficuldade ao erro qualquer incauto; e sendo ousados como os que mais o são, não ha consequencias de que se amedrontem e que não acceitem com obstinação e sem escrupulos. Accrescente-se-lhes ainda, cousa aptissima para enganar o animo alheio, uma operosidade incançavel, uma assidua e vigorosa applicação a todo o ramo de estudos e, o mais das vezes, a fama de uma vida austera. Finalmente, e é isto o que faz desvanecer toda esperança de cura, pelas suas mesmas doutrinas são formados numa escóla de desprezo a toda autoridade e a todo freio; e, confiados em uma consciencia falsa, persuadem-se de que é amor de verdade o que não passa de soberba e obstinação.— Na verdade por algum tempo esperámos reconduzil-os a melhores sentimentos; e para este fim a principio os tratámos com brandura, em seguida com severidade, e finalmente, bem a contra gosto, servimo-nos de penas publicas.

Mas vós bem sabeis, Veneraveis Irmãos, como tudo-

foi debalde; pareceram por momento curvar a fronte, para depois reerguel-a com maior altivez. Poderiamos talvez ainda deixar isto desapercebido si se tratasse sómente delles; trata-se porém das garantias do nome catholico.

Ha pois mister quebrar o silencio, que ora seria culpavel, para tornar bem conhecidos á Egreja esses homens tão mal disfarçados.

E visto que os modernistas (tal é o nome com que vulgarmente e com razão são chamados) com astuciosissimo engano costumam apresentar suas doutrinas não coordenadas e juntas como em um todo, mas dispersas e como que separadas umas das outras, afim de serem tidos por duvidosos e incertos, ao passo que de facto estão firmes e constantes, convem, Veneraveis Irmãos, primeiro exhibirmos aqui as mesmas doutrinas em um só quadro, e mostrar-lhes o nexo com que formam entre si um só corpo, para depois indagarmos as causas dos erros e prescrevermos os remedios a debellar-lhes os effeitos perniciosos.

E para procedermos com ordem em tão abstrusa materia, convêm notar que cada modernista representa e quasi compendia em si muitos personagens, isto é, o de philosopho, o de crente, o de theologo, o de historiador, o de critico, o de apologista, o de reformador; os quaes personagens todos, um por um, cumpre bem os distinga todo aquelle que quizer devidamente conhecer o seu systhema e penetrar nos principios e nas consequencias das suas doutrinas.

Começando pelo philosopho, cumpre saber que todo o fundamento da philosophia religiosa dos modernistas assenta sobre a doutrina, que chamamos *agnosticismo*. Por força desta doutrina, a razão humana fica inteiramente reduzida á consideração dos *phenomenos*, isto é, só das cousas

perceptiveis e pelo modo como são perceptiveis ; nem tem ella direito nem aptidão para transpôr estes limites. E dahi se segue que não é dado á razão elevar-se a Deus, nem reconhecer-lhe a existencia, nem mesmo por intermedio dos seres visiveis. Segue-se, portanto, que Deus não póde ser de maneira alguma objecto directo da sciencia ; e tambem com relação á historia, não póde servir de assumpto historico.— Postas estas premissas, todos percebem com clareza qual não deve ser a sorte da *theologia natural*, dos *motivos de credibilidade*, da *revelação externa*. Tudo isto os modernistas rejeitam e atiram para o *intellectualismo*, que chamam ridiculo systema, morto já ha muito tempo. Nem os abala de ponto ter a Egreja condemnado formalmente erros tão monstruosos. Pois que, de facto, o Concilio Vaticano assim definiu :

Si alguem disser que Deus, um e verdadeiro, creador, e Senhor nosso, por meio das cousas creadas não pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana, seja anathema (1) ; e tambem :

Si alguem disser que não é possivel ou não convém que, por divina revelação, seja o homem instruido acêrca de Deus e do culto que lhe é devido, seja anathema (2) ; e finalmente :

Si alguem disser que a divina revelação não póde tornar-se crivel por manifestações externas, e que por isto os homens não devem ser movidos á fé sinão exclusivamente pela interna experiencia ou inspiração privada, seja anathema (3).

De que modo porém os modernistas passam do *agnosticismo*, que é puro estado de ignorancia, para o *atheismo* scientifico e historico, que, ao contrario, é es-

(1) *De Revel.* can. I.— (2) Ibid. can. II.
(3) *De Fide*, Can. III.

tado de positiva negação, e por isso, com que logica, do não saber si Deus interveio ou não na historia do genero humano, passam a tudo explicar na mesma historia, pondo Deus de parte, como si na realidade não tivesse intervindo. quem o souber que o explique.

Ha entretanto para elles uma cousa fixa e determinada, que é o dever ser athéa a sciencia a par da historia, em cujas raias não haja logar sinão para os *phenomenos*, repellido de uma vez Deus e tudo o que é divino.— E dessa absurdissima doutrina ver-se-á, dentro em pouco, que cousas seremos obrigados a deduzir a respeito da augusta pessôa de Christo, dos mysterios da sua vida e morte, da sua resurreição e ascenção ao céu.

Este *agnosticismo*, porém, na doutrina dos modernistas não constitue sinão a parte negativa; a positiva acha-se toda na *immanencia vital*.

Eis aqui o modo como elles passam de uma parte a outra. — A Religião, quer a natural quer a sobrenatural, é mister seja explicada como qualquer outro facto. Ora, acabada com a theologia natural, interceptada a entrada na revelação com o rejeitar os motivos de credibilidade, é claro que se não pode procurar fóra do homem essa explicação. Deve-se, pois, procurar no mesmo homem; e visto que a religião não é de facto sinão uma forma da vida, a sua explicação se deve achar mesmo na vida do homem. Daqui procede o principio da *immanencia religiosa*. Demais, a primeira moção, por assim dizer, de todo phenomeno vital, deve sempre ser attribuida a uma *necessidade;* os primordios, porém, falando mais especialmente da vida, devem ser attribuidos a um movimento do coração, que se chama *sentimento*. Por conseguinte, como o objecto da religião é Deus, devemos concluir que a fé, principio e base de toda a religião, se deve fundar em um sentimento, nascido da necessidade da divindade.

Esta necessidade das causas divinas não se fazendo sentir no homem sinão em certas e especiaes circumstancias, não pode de per si pertencer ao ambito da consciencia; occulta-se, porém, primeiro abaixo da consciencia, ou, como dizem com vocabulo tirado da philosophia moderna, na *subconsciencia*, onde a sua raiz fica tambem occulta e incomprehensivel.—Si alguem comtudo lhes perguntar de que modo essa necessidade da divindade, que o homem sente em si mesmo, rebenta em religião, será esta a resposta dos modernistas: A sciencia e a historia, dizem elles, acham-se fechadas entre dous termos: um externo, que é o mundo visivel; outro interno, que é a consciencia. Chegados a um ou outro destes dous termos, não se pode ir mais adeante; além destes limites acha-se o *incognoscivel*. Deante deste *incognoscivel*, seja que elle se ache fóra do homem e fóra de todas as cousas visiveis, seja que elle se ache occulto na *subconsciencia* do homem, a necessidade de um *que* divino, sem nenhum acto prévio da intelligencia, como o quer o *fideismo*, gera no animo já inclinado um certo *sentimento* particular, e este, seja como objecto seja como causa interna, tem envolvida em si a mesma *realidade* divina, e assim de certa maneira une o homem com Deus. E' precisamente a este sentimento que os modernistas dão o nome de fé, e teem-no como principio de religião.

Nem acaba ahi o philosophar, ou melhor, o desatinar desses homens. Pois, nesse mesmo sentimento elles não encontram unicamente a fé; mas, com a fé e na mesma fé, do modo como a entendem, sustentam que tambem se acha a *revelação*. E que é o que mais se pode exigir para a revelação? Já não será talvez revelação, ou pelo menos principio de revelação, aquelle *sentimento* religioso, que se manifesta na consciencia? ou tambem o

mesmo Deus a manifestar-se ás almas, embora um tanto confusamente, no mesmo sentimento religioso ? Elles ainda accrescentam mais, dizendo que, sendo Deus ao mesmo tempo objecto e causa da fé, essa revelação é de Deus como objecto e tambem provem de Deus como causa ; isto é, tem a Deus ao mesmo tempo como revelante e revelado. Segue-se daqui, Veneraveis Irmãos, a absurda affirmação dos modernistas, segundo a qual toda a religião, sob diverso aspecto, é egualmente natural e sobrenatural. Segue-se daqui a promiscua significação que dão aos termos consciencia e revelação. Daqui a lei que dá a *consciencia religiosa*, a par com a revelação, como regra universal, á qual todos se devem sujeitar, inclusive a mesma suprema autoridade da Egreja, seja quando ensina seja quando legisla em materia de culto ou de disciplina.

Entretanto em todo este processo, donde, segundo os modernistas, resultam a fé e a revelação, deve attender-se principalmente a uma cousa de não pequena importancia, pelas consequencias historico-criticas, que dahi fazem derivar. Aquelle *Incognoscivel*, de que fallam, não se apresenta á fé como que nú e isolado ; mas, ao contrario, intimamente unido a algum phenomeno que, embora pertença ao campo da sciencia ou da historia, assim mesmo de certo modo transpõe os seus limites. Este phenomeno poderá ser um facto qualquer da natureza, contendo em si algum que de mysterioso, ou poderá tambem ser um homem, cujo talento, cujos actos, cujas palavras parecem nada ter de commum com as leis ordinarias da historia. A fé, pois, attrahida pelo *Incognoscivel* unido ao phenomeno, apodera-se de todo o mesmo phenomeno e de certo modo o penetra da sua vida. Donde se seguem duas cousas.

A primeira é uma certa *transfiguração* do phenomeno,

por uma especie de elevação das suas proprias condições, que o torna mais apto. qual materia. para receber o ser divino.

A segunda é uma certa *desfiguração*, resultante de que, tendo a fé subtrahido ao phenomeno os seus adjunctos de tempo e de logar, facilmente lhe attribue aquillo que em realidade não tem ; o que particularmente se dá em se tratando de antigas datas, e isto tanto mais quanto mais remotas são ellas.

Destas duas fontes os modernistas tiram dous canones, que unidos a um terceiro já deduzido de agnosticimos, constituem a base da critica historica. Esclareçamos o facto com um exemplo tirado da pessôa de Jesus Christo. Na pessôa de Christo, dizem, a sciencia e a historia não acham mais do que um homem. Portanto, em virtude do primeiro canon deduzido do agnosticismo, da historia dessa pessôa se deve riscar tudo o que sabe a divino. Ainda mais, por força do segundo canon, a pessôa historica de Jesus Christo foi *transfigurada* pela fé ; logo, convem despojal-a de tudo o que a eleva acima das condições historicas.

Finalmente, a mesma foi *desfigurada* pela fé, em virtude do terceiro canon ; logo, se devem remover della as falas, as acções, tudo emfim que não corresponde ao seu caracter, condição e educação, logar e tempo em que viveu. — E' em verdade extranho tal modo de raciocinar ; comtudo é esta a critica dos modernistas.

O *sentimento religioso*, que por *immanencia vital* surge dos esconderijos da *subconsciencia*, é pois o germen de toda a religião e a razão de tudo o que tem havido e haverá ainda em qualquer religião.

Este mesmo *sentimento* rudimentar e quasi informe a principio, pouco a pouco, sob o influxo do mysterioso principio que lhe deu origem, tem se ido aperfeiçoando,

a par com os progressos da vida humana, da qual, como já ficou dito, é uma forma.

Temos, pois, assim a origem de toda religião, até mesmo da sobrenatural ; e estas não passam de meras explicações do *sentimento religioso*. Nem se pense que a catholica é exceptuada ; está no mesmo nivel das outras, pois não nasceu sinão pelo processo de *immanencia vital* na consciencia de Christo, homem de natureza extremamente privilegiada, como outro não houve nem haverá. — Fica-se pasmo em se ouvindo affirmações tão audaciosas e sacrilegas ! Entretanto, Veneraveis Irmãos, não é esta linguagem usada temerariamente só pelos incredulos. Homens catholicos, até muitos sacerdotes, affirmaram estas cousas publicamente, e com delirios taes se vangloriam de reformar a Egreja !

Já não se trata aqui do velho erro, que á natureza humana attribuia um quasi direito á ordem sobrenatural.

Vai-se muito mais longe ainda ; chega-se até a affirmar que a nossa santissima religião, no homem Jesus Christo assim como em nós, é fructo inteiramente espontaneo da natureza. Nada póde vir mais a proposito para dar cabo de toda a ordem sobrenatural. Por isto com summa razão o Concilio Vaticano definio : *Si alguem disser que o homem não póde ser por Deus elevado a um conhecimento e perfeição, que supere as forças da natureza, mas por si mesmo póde e deve, com incessante progresso, chegar finalmente a possuir toda a verdade e todo o bem, seja anathema* (1).

Até agora porém, Veneraveis Irmãos, não lhes vimos dar nenhum logar á acção da intelligencia. Comtudo, segundo as doutrinas dos modernistas, tem ella tambem a sua parte no acto de fé. Vejamos como.

---

(1) *De Revel.* Can. III.

Naquelle *sentimento*, dizem, de que tantas vezes já se tem falado, precisamente porque é *sentimento* e não é conhecimento, Deus de facto se apresenta ao homem, mas de modo tão confuso que em nada ou mal se distingue desse mesmo crente. Faz-se, pois, mister lançar algum raio de luz sobre aquelle sentimento, de maneira que Deus se apresente fóra e distincto do crente. Ora, isto é obra da intelligencia, á qual sómente cabe o pensar e o analysar, e por meio da qual o homem a principio traduz em representações mentaes os phenomenos da vida, que nelle apparecem, e depois os manifesta com expressões verbaes.

Segue-se dahi esta vulgar expressão dos modernistas: o homem religioso deve *pensar* a sua fé. — Sobreviudo, pois, a intelligencia ao sentimento, inclina-se sobre este, elabora-o todo, a modo de um pintor que illumina e reanima os traços de um quadro estragado pelo tempo. O parallelo é de um dos mestres do modernismo. Neste trabalho a intelligencia procede de dous modos: primeiro, por um acto natural e espontaneo, exprimindo a sua noção por uma proposição simples e vulgar; depois, com reflexão e penetração mais intima, ou, como dizem, *elaborando o seu pensamento*, exprime o que pensou com proposições *secundarias*, derivadas certamente da primeira, porém mais polidas e distinctas Estas proposições *secundarias*, si forem finalmente sanccionadas pelo supremo magisterio da Egreja, constituirão o *dogma*.

Assim pois, na doutrina dos modernistas, chegamos a um dos pontos mais importantes, que é a origem e mesmo a natureza do dogma. A origem do dogma poem-na elles, pois, naquellas *primitivas* formulas simples que, debaixo de certo aspecto, devem considerar-se como essenciaes á fé, pois que a revelação, para ser verdadeiramente tal, requer uma clara apparição de Deus na con-

sciencia. O mesmo dogma porém, ao que parece, é propriamente constituido pelas *formulas secundarias*. — Mas, para bem se conhecer a natureza do dogma, é preciso primeiro indagar que relações ha entre as *formulas religiosas* e o *sentimento religioso*. Não haverá difficuldade em o comprehender para quem já tiver como certo que estas *formulas* não teem outro fim, sinão o de facilitarem ao creute um modo de dar razão da propria fé. De sorte que essas formulas são como que umas intermediarias entre o crente e a sua fé; com relação á fé, são expressões inadequadas do seu objecto e pelos modernistas se denominam *symbolos;* com relação ao crente, reduzem-se a meros *instrumentos*.

Não é portanto de nenhum modo licito affirmar que ellas exprimem uma verdade absoluta ; porquanto, como *symbolos*, são meras imagens de verdade, e portanto devem adaptar-se ao sentimento religioso, emquanto este se refere ao homem ; como *instrumentos*, são vehiculos de verdade, e assim por sua vez devem adaptar-se ao homem, emquanto se refere ao sentimento religioso. E, pois que este sentimento, como o que tem por objecto o *absoluto*, apresenta infinitos aspectos, dos quaes póde apparecer, hoje um, amanhã outro e da mesma sorte como aquelle que crê póde passar por essas e aquellas condições, segue-se que tambem as *formulas*, que chamamos *dogmas*, devem estar sujeitas a eguaes vicissitudes, e por isso tambem a variarem.

Assim pois, temos o caminho aberto á intima *evolução* do dogma. — Eis ahi um acervo de sophismas, que subvertem e destroem toda a religião !

Ousadamente affirmam os modernistas e isto mesmo se conclue das suas doutrinas, que os dogmas não sómente pódem, mas positivamente devem evoluir e mudar-se. — De facto, entre os pontos principaes da sua

doutrina, contam tambem este, que deduzem da *immanencia vital*: as *formulas religiosas*, para que realmente sejam taes e não só meras especulações da intelligencia, precisam ser vitaes e viver da mesma vida do *sentimento religioso*. Dahi porém não se deve concluir que essas formulas, particularmente si forem só imaginarias, sejam formadas a bem desse mesmo sentimento religioso; porquanto nada importa a sua origem, nem o seu numero, nem a sua qualidade; segue-se porém que o *sentimento religioso*, embora modificando-as, si houver mister, as torna *vitaes* e fal-as viver de sua propria vida. Em outros termos, é preciso que a *formula primitiva* seja acceita e confirmada pelo coração, e que a subsequente elaboração das *formulas secundarias* seja feita sob a direcção do coração. Procede dahi que taes formulas para serem vitaes, hão de ser e ficar adaptadas tanto á fé quanto ao creute. Pelo que, si por qualquer motivo cessar essa adaptação, perdem sua primitiva significação e devem ser mudadas. — Ora, sendo assim mutavel o valor e a sorte das formulas dogmaticas, não é de admirar que os modernistas tanto as escarneçam e desprezem, e que por conseguinte só reconheçam e exaltem o sentimento e a vida religiosa. Por isto, com o maior atrevimento criticam a Egreja accusando-a de caminhar fóra da estrada, e de não saber distinguir entre o sentido material das formulas e a sua significação religiosa e moral, e ainda mais, agarrando-se obstinadamente, mas em vão, a formulas falhas de sentido, de deixar a propria religião rolar no abysmo. — *Cegos*, na verdade, *a conduzirem outros cegos*, são esses homens que, balôfos nas basofias da *sciencia*, deliram a ponto de perverter o conceito de verdade e o genuino conceito religioso, divulgando um novo systhema, *com o qual, arrastados por desenfreada mania de novidades, não procuram a verdade onde certamente se acha;* e, *desprezando*

as santas e apostolicas tradições, apegam-se a doutrinas ôcas, futeis, incertas, reprovadas pela Egreja, e com estas, homens estultissimos, julgam fortalecer e sustentar a verdade (1).

Assim, Veneraveis Irmãos, pensa o modernista como philosopho. — Agora, passando a consideral-o como crente, si quizermos conhecer de que modo, no modernismo, o crente differe do philosopho, convem observar que, embora o philosopho reconheça por objecto da fé a *realidade divina*, comtudo esta realidade não se acha noutra parte sinão na alma do crente, como objecto de sentimento e affirmação; porém, si ella em si mesma existe ou não fóra daquelle sentimento e daquella affirmação, isto não importa ao philosopho. Si, porém, procurarmos saber que fundamento tem esta asserção do crente, respondem os modernistas: é a *experiencia individual*. — Com esta affirmação, emquanto na verdade discordam dos racionalistas, cáem na opinião dos protestantes e dos pseudo-mysticos.

Eis como elles o declaram: no *sentimento religioso* deve reconhecer-se uma especie de intuição do coração, que pôz o homem em contacto immediato com a propria *realidade* de Deus e lhe infunde tal persuasão da existencia d'Elle e da sua acção, tanto dentro como fóra do homem, que excede a força de qualquer persuasão, que a sciencia possa adquirir. Affirmam, portanto, uma verdadeira experiencia, capaz de vencer qualquer experiencia racional; e si esta fôr negada por alguem, como pelos racionalistas, dizem que isto succede porque estes não querem pôr-se nas condições moraes, que são necessarias para conseguil-a. Ora, tal experiencia é a que faz propria e verdadeiramente crente a todo aquelle que a conseguir. — Quanto váe dessa á doutrina catholica! Já vimos essas idéas condemnadas pelo Concilio Vaticano. — Veremos

(1) Gregor. XVI Ep. Encycl., «*Singulari Nos*» 7 kal. jul. 1834.

ainda como, com semelhantes theorias, unidas a outros erros já mencionados, se abre caminho para o atheismo. Cumpre entretanto, desde já notar que, posta esta doutrina da *experiencia* unida á outra do *symbolismo*, toda religião, não exceptuada siquer a dos idolatras, deve ser tida por verdadeira. E na verdade, porque não fôra possivel o se acharem taes experiencias em qualquer religião? e não poucos presumem que de facto já se as tenha encontrado. Com que direito, pois, os modernistas negarão a verdade a uma experiencia affirmada por um ismaelita? com que direito reivindicarão experiencias verdadeiras só para os catholicos? E os modernistas de facto não negam, ao contrario, concedem, uns confusa e outros manifestamente, que todas as religiões são verdadeiras. E' claro, porém, que elles não poderiam pensar de outro modo.

Em verdade, postos os seus principios, em que se poderiam por ventura fundar para attribuir falsidade a uma religião qualquer? Sem duvida seria por algum destes dous principios: ou por falsidade do *sentimento religioso*, ou por falsidade da formula proferida pela intelligencia. Ora, o sentimento religioso, posto que possa ser mais ou menos perfeito, é sempre o mesmo; e a formula intellectual para ser verdadeira basta que corresponda ao sentimento religioso e ao crente, seja qual fôr a força do engenho deste. Quando muito, no conflicto entre as diversas religiões, os modernistas poderão sustentar que a catholica tem mais verdade, porque é mais viva, e merece mais o titulo de christã, porque mais completamente corresponde ás origens do christianismo. — A ninguem póde parecer absurdo que estas consequencias todas dimanem daquellas premissas. Absurdissimo é, porém, que catholicos e sacerdotes que, como preferimos crer, teem horror a tão monstruosas affirmações, se ponham quasi

em condição de admittil-as. Pois, taes são os louvores que tributam aos mestres desses erros, taes as homenagens que publicamente lhes prestam, que facilmente dão a entender que as suas honras não attingem ás pessôas, que talvez de todo não as desmereçam, antes porém aos erros, que ellas professam ás claras, e entre o povo procuram com todos os esforços propagar.

Ha ainda outra face, além da que já vimos, nesta doutrina da *experiencia*, de todo contraria á verdade catholica. — Pois, esta se estende e se applica á *tradição*, que a Egreja tem sustentado até hoje, e a destróe. E com effeito, os modernistas concebem a tradição como uma communicação da *experiencia original*, feita a outrem pela prégação, mediante a formula intellectual

Por isto a esta formula, além do valor *representativo*, attribuem certa efficacia de *suggestão*, tanto naquelle que crê, para despertar o *sentimento religioso* quiçá entorpecido, e restaurar a *experiencia* de ha tempo adquirida, como naquelles que ainda não crêem, para despertar nelles pela primeira vez o *sentimento religioso* e produzir a *experiencia*. Por esta maneira a experiencia religiosa abundantemente se propaga entre os povos; não só entre os existentes, pela prégação, mas tambem entre os vindouros, quer pelo livro, quer pela transmissão oral de uns a outros. — Esta communicação da experiencia ás vezes lança raizes e vinga; outras vezes se esterilisa logo e morre. O viver para os modernistas é prova de verdade; e a razão disto é que verdade e vida para elles são uma e a mesma cousa. E daqui mais uma vez se infere que todas as religiões existentes são verdadeiras, do contrario já não existiriam.

Levadas as cousas até este ponto, Veneraveis irmãos, já temos muito para bem conhecermos a ordem que os modernistas estabelecem entre a fé e a sciencia; notan-

do-se que neste nome de sciencia incluem tambem a historia. — Antes de tudo se deve ter por certo que o objecto de uma é de todo extranho e separado do objecto de outra. Porquanto, a fé unicamente se occupa de uma cousa, que a sciencia declara ser para si *incognoscivel*. Segue-se, pois, que é diversa a tarefa de cada uma; a sciencia acha-se toda na realidade dos phenomenos, onde a fé por maneira alguma penetra; a fé, pelo contrario occupa-se da realidade divina, que de todo é desconhecida á sciencia. Conclue-se, portanto, que nunca poderá haver conflicto entre a fé e a sciencia; porque, si cada uma se restringir a seu campo, nunca poderão encontrar-se, nem portanto contradizer-se. — Si entretanto alguem objectar que no mundo visivel ha cousas que tambem pertencem á fé, como a vida humana de Christo, responderão os modernistas negando. E a razão é que, comquanto taes cousas estejam no numero dos phenomenos, todavia, emquanto *viveram* pela fé e, no modo já indicado, foram pela mesma *transfiguradas* e *desfiguradas*, foram subtrahidas ao mundo sensivel e passaram a ser materia do divino. Por este motivo, si ainda se quizesse saber si Christo fez verdadeiros milagres e prophecias, si verdadeiramente resuscitou e subiu ao céo, a sciencia agnostica o negará e a fé o affirmará; e nem assim haverá lucta entre as duas. Nega-o o philosopho como philosopho, falando a philosophos e considerando Christo na sua *realidade historica*; affirma-o o crente, como crente, falando a crentes e considerando a vida de Christo a *reviver* pela fé e na fé.

De muito se enganaria quem, postas estas theorias, se julgasse autorisado a crer que a sciencia e a fé são independentes uma da outra. Por parte da sciencia, essa independencia está fóra de duvida; mas, já não é assim por parte da fé, que não por um só, mas por tres motivos, se deve submetter á sciencia. Effectivamente, é de notar em

primeiro logar que em todo facto religioso, tirada a *realidade divina* e a *experiencia* que o crente tem da mesma, tudo o mais, e principalmente as *formulas religiosas*, não sáe do campo dos phenomenos; cáe portanto sob o dominio da sciencia. Afaste-se embora do mundo o crente, si lhe aprouver; mas, emquanto se achar no mundo, nunca se poderá furtar, queira-o ou não, ás leis, ás vistas, ao juizo da sciencia e da historia. — Ainda mais, embora se tenha dito que Deus só é objecto da fé, isto entretanto não se deve entender sinão da *realidade* divina, e não da *idéa* de Deus. Esta é dependente da sciencia; a qual, emquanto se deleita na ordem logica, tambem se eleva até o absoluto e o ideal. E', pois, direito da philosophia ou da sciencia indagar da idéa de Deus, dirigil-a na sua evolução, corrigil-a quando se lhe misturar qualquer elemento extranho. Fundados nisto é que os modernistas sustentam que a evolução religiosa deve ser coordenada com a evolução moral e intellectual; isto é, como o ensina um de seus mestres, deve ser-lhes subordinada. — Deve-se emfim observar que o homem em si não supporta um dualismo, e por conseguinte o crente experimenta em si mesmo uma intima necessidade de harmonisar de tal sorte a fé com a sciencia, que aquella não se opponha á idéa geral que a sciencia forma do universo. Conclúe-se, pois, que a sciencia é de todo independente da fé; esta, ao contrario, embora se declame que é extranha á sciencia. deve-lhe submissão. — Todas estas cousas, Veneraveis Irmãos, são diametralmente contrarias ao que o Nosso antecessor Pio IX ensinava dizendo (1): *Em materia de religião, é dever da philosophia não dominar, mas servir, não prescrever o que se deve crer, mas acceital-o com razoavel respeito, não prescrutar os profundos dos mysterios de Deus, mas piedosa*

(1) Brev. ad Ep. Wratislaw. 15 jun. 1857.

e humildemente veneral-os. Os modernistas entendem isto ás avéssas: ha, pois, sobeja razão de applicar-se-lhes o que outro nosso predecessor, Gregorio IX, escrevia de alguns theologos do seu tempo: *Alguns dentre vós, excessivamente cheios do espirito de vaidade, com profanas novidades se esforçam por transpôr os limites traçados pelos Santos Padres, curvando á doutrina philosophica dos racionalistas a interpretação das paginas celestes, não para proveito dos ouvintes, mas para dar mostras de saber... E estes arrastados por doutrinas diversas, transformam em cauda a cabeça e obrigam a rainha a servir á escrava* (1).

Estas cousas tornar-se-ão ainda mais claras, tendo-se em vista o procedimento dos modernistas, de todo conforme com o que ensinam. Nos seus escriptos e discursos parecem não raro sustentar ora uma ora outra doutrina, de modo a facilmente parecerem vagos e incertos. Fazem-no porém de caso pensado; isto é, baseados na opinião que sustentam, da mutua separação entre a fé e a sciencia. E' por isto que nos seus livros muitas cousas se encontram das acceitas pelos catholicos; mas, ao virar a pagina, outras se veem, que pareceriam ditadas por um racionalista. Escrevendo, pois, historia, nenhuma menção fazem da divindade de Christo; ao passo que, prégando nas egrejas, com firmeza a professam. Da mesma sorte, na historia não fazem o menor caso dos Padres nem dos Concilios; nas instrucções catecheticas, porém, ao povo, citam-nos com respeito. Distinguem, portanto, outrosim a exegese theologica e pastoral da exegese scientifica e historica. Mais ainda; fundados no principio que a sciencia em nada depende da fé, quando tratam de philosophia, de historia, de critica, não se arrecciando de pisar nas

(1) Ep. ad Magistros theol. paris., non. jul. 1223.

pégadas de Luthero (1), ostentam certo desprezo das doutrinas catholicas, dos santos Padres, dos concilios ecumenicos, do magisterio ecclesiastico; e si forem por isto reprehendidos, queixam-se de que se lhes tolhe a liberdade. Finalmente, professando que a fé ha de sujeitar-se á sciencia, continuamente e ás claras criticam a Egreja, porque irreductivelmente se recusa a accommodar os seus dogmas ás opiniões da philosophia, e elles, por sua vez, posta de parte a velha theologia, empenham-se por divulgar uma nova, toda amoldada aos desvarios dos philosophos.

Já é tempo, Veneraveis Irmãos, de passarmos a considerar os modernistas no campo theologico. Empenho arduo este, mas em poucas palavras diremos tudo. — O fim a alcançar é a conciliação da fé com a sciencia, ficando porém sempre incolume a primazia da sciencia sobre a fé. Neste assumpto o theologo modernista se utilisa dos mesmos principios da *immanencia* e do *symbolismo*. Eis com que rapidez elle executa a sua tarefa: Diz o philosopho que *o principio da fé é immanente;* accrescenta o crente *que esse principio é Deus;* conclúe pois o theologo: *logo Deus é immanente no homem.* Disto se conclúe a *immanencia theologica.* Outra adaptação: o philosopho tem por certo que as *representações da fé são puramente symbolicas*; o crente affirma que *o objecto da fé é Deus em si mesmo;* conclúe pois o theologo: *logo as representações da realidade divina são symbolicas.* Segue-se daqui o *symbolismo theologico.* — São erros enormes devéras; e quanto sejam perniciosos vamos ver de um modo luminoso, observando-lhes as consequencias. — E de facto

(1) Prop. 29 condemn. por Leão X, Bulla «*Exurge Domine*» de 16 de maio 1520. *Temos aberta a estrada para se enfraquecer a autoridade dos Concilios e para se contradizer á vontade as suas deliberações, e julgar os seus decretos e manifestar ás claras tudo o que nos parece verdade, seja embora approvado ou condemnado por qualquer Concilio.*

por falarmos desde já do *symbolismo*, como os symbolos são taes com relação ao objecto, e não passam de instrumentos com relação ao crente, dizem os modernistas que o crente, antes de tudo, não deve apegar-se de mais á formula, que deve servir-lhe só no intuito de unir-se com a verdade absoluta, que a formula ao mesmo tempo revela e esconde; isto é, esforça-se por exprimil-a, sem jámais o conseguir. Querem em segundo logar que o crente use de taes formulas tanto quanto lhe forem uteis, porquanto ellas são dadas para auxilio e não para embaraço; salvo porém o respeito que, por motivos sociaes, se deve ás formulas pelo publico magisterio julgadas aptas para exprimir a consciencia commum, e emquanto o mesmo magisterio não julgar de outro modo. — Quanto á *immanencia*, é na verdade difficil indicar o que pensam os modernistas; pois, ha entre elles diversas opiniões. Uns fazem-na consistir em que Deus, operando no homem, está mais intimamente no homem do que o proprio homem em si mesmo; e esta affirmação sendo bem entendida, não merece censura. Pretendem outros que a acção divina é uma e a mesma com a acção da natureza, como a acção da causa primeira com a da causa segunda; e isto já destruiria a ordem sobrenatural. Outros explicam-na emfim em um sentido que tem resaibos de pantheismo; e estes a falar a verdade, são mais coherentes com o restante das suas doutrinas.

A este postulado da *immanencia* ainda outro se accrescenta, que pode ser chamado da *permanencia divina*; estes entre si differem do mesmo modo como a *experiencia* privada differe da *experiencia* transmittida por tradição. Esclareçamos isto com um exemplo: e seja elle tirado da Egreja e dos Sacramentos. Não se pode crer, dizem, que a Egreja e os Sacramentos foram instituidos pelo proprio Christo. Isto não é permittido pelo agnosticismo,

que em Christo não vê mais do que um homem, cuja consciencia religiosa, como a de qualquer outro homem, pouco a pouco se formou; não o permitte a lei da immanencia, que não admitte, como elles se exprimem, externas *applicações*; prohibe-o tambem a lei da evolução, que para o desenvolvimento dos germens requer tempo e uma certa serie de circumstancias; prohibe-o emfim a historia, que mostra que tal foi realmente o curso dos acontecimentos. Todavia deve admittir-se que a Egreja e os Sacramentos foram *mediatamente* instituidos por Christo. Mas de que modo? Todas as consciencias christãs, é assim que elles o explicam, estavam virtualmente incluidas na consciencia de Christo, como a planta na semente. Ora, como os rebentos vivem a vida da semente, assim tambem affirmar-se deve que todos os christãos vivem a vida de Christo. Mas a vida de Christo segundo a fé é divina; logo tambem a vida dos Christãos. Si pois esta vida, no correr dos seculos, deu origem á Egreja e aos sacramentos, com toda a razão se poderá dizer que tal origem procede de Christo e é divina. Pelo mesmo processo provam que as Escripturas e os dogmas são divinos. — E com isto se conclúe toda a theologia dos modernistas. E' bem pouco, em verdade; porém, mais que abundante para quem professa que sempre e em tudo se devem respeitar as conclusões da sciencia. — Cada um entretanto poderá ir por si mesmo fazendo a applicação destas theorias aos outros pontos, que vamos expôr.

Falámos até agora da origem e natureza da fé. Mas, como são muitos os germens da mesma, sendo os principaes a Egreja, o dogma, o culto, os livros sagrados, tambem a respeito destes devemos saber o que dizem os modernistas. — Começando pelo dogma, já sabemos, pelo que ficou dito, qual seja a sua origem e natureza. O dogma nasce da necessidade que o crente experimenta de

elaborar o seu pensamento religioso, afim de tornar sempre mais clara a sua consciencia e a de outrem. Consiste todo esse trabalho em esquadrinhar e e polir a *formula* primitiva, não por certo em si mesma e racionalmente, mas segundo as circumstancias ou, como de modo pouco intelligivel dizem, *vitalmente*. O resultado disto é que, como já dissemos, ao redor da mesma se vão formando *formulas secundarias*, que mais tarde synthetisadas e reunidas em um unico todo doutrinal, quando forem ratificadas pelo publico magisterio como correspondentes á consciencia commum, são chamadas dogmas. Destas devem cuidadosamente distinguir-se as investigações theologicas ; as quaes porém, posto que não vivam da vida do dogma, comtudo não são inuteis, seja para harmonisar a religião com a sciencia e dissipar qualquer contraste entre ellas, seja para illuminar exteriormente a religião e defendel-a ; e talvez ainda tenham a utilidade de preparar um futuro dogma. — Do culto não haveria muito que dizer, si debaixo deste nome não se achassem tambem os Sacramentos, a respeito dos quaes muito erram os modernistas. Pretendem que o culto resulta de um duplo impulso ; pois que, como vimos, pelo seu systhema tudo se deve attribuir a intimos impulsos. O primeiro é de dar á religião alguma cousa de sensivel ; o segundo é a necessidade de propagal-a, cousa esta que se não poderia realisar sem uma certa forma sensivel e sem actos santificantes, que se chamam Sacramentos. Os modernistas porém consideram os Sacramentos como meros symbolos ou signaes, bem que não destituidos de efficacia. E para indicar essa efficacia, servem-lhes de exemplo certas palavras, que facimente vingam, por terem conseguido a força de divulgar certas idéas de grande efficacia, que muito impressionam os animos. E assim como aquellas palavras são destinadas a despertar as referidas idéas, assim tam-

bem o são os Sacramentos com relação ao sentimento religioso; nada mais do que isto. Falariam mais claro affirmando logo que os Sacramentos foram só instituidos para nutrirem a fé. Mas esta proposição é condemnada pelo Concilio de Trento (1): *Si alguem disser que estes Sacramentos foram só instituidos para nutrirem a fé, seja anathema.*

Já alguma cousa ficou dito sobre a natureza e origem dos livros sagrados. Segundo a mente dos modernistas, bem se pode definil-os uma collecção de *experiencias*, não por certo das que de ordinario qualquer pessôa adquire, mas das extraordinarias e das mais elevadas que se teem dado em uma qualquer religião. — E' precisamente isto que os modernistas ensinam dos nossos livros do antigo e novo Testamento.

Todavia a estas suas opiniões mui astutamente accrescentam que, embora a experiencia deva ser do tempo presente, pode assim mesmo receber materia do passado e do futuro, emquanto o crente pela lembrança *revive* o passado como se fôra presente, ou já vive do futuro por antecipação. Deste modo se explica porque os livros historicos e apocalypticos são computados entre os livros sagrados.— Assim pois, nestes livros, Deus fala por meio do crente; mas, como diz a theologia modernista, só por *immanencia* e *permanencia vital*. — Perguntar-lhes-emos, pois, que é feito da inspiração?

Respondem-nos que ella, a não ser talvez por uma certa vehemencia, não se distingue da necessidade que o crente experimenta de manifestar vocalmente ou por escripto a propria fé. Nota-se aqui certa semelhança com a inspiração poetica; e neste sentido um delles dizia:

---

(1) Sess. VII, *de Sacramentis in genere*, can. 5.

Deus está dentro de nós, e agitados por elle nós nos inflammamos. Deste modo é que se deve explicar a origem da inspiração dos livros sagrados.— Sustentam ainda os modernistas, que a nenhuma passagem desses livros falta essa inspiração.

Neste ponto alguem poderia julgal-os mais orthodoxos do que certos exegetas recentes, que em parte restringem a inspiração, como, por exemplo, nas taes *citações tacitas*. Mas isto não passa de apparencias e palavras.

De facto, si segundo as leis do agnosticismo consideramos a Biblia um trabalho humano, feito por homens para utilidade de outros homens, seja embora licito ao theologo appellidal-a de *divina por immanencia*, de que modo poderia restringir-se nella a inspiração?

Tal inspiração de facto admittem-na os modernistas; não, porém, no sentido catholico.

Maior extensão de materia nos offerece o que os modernistas affirmam da Egreja.— Presuppõem que ella é fructo de uma dupla *necessidade*, uma no crente, principalmente naquelle que, tendo tido alguma experiencia original e singular, precisa communicar a outrem a propria fé; outra na *collectividade*, depois que a fé se tornou commum a muitos, para se reunir em sociedade, e conservar, dilatar e propagar o bem commum. Que é, pois, a Egreja? é um parto da *consciencia collectiva*, isto é, da collectividade das consciencias individuaes, que, por virtude da *permanencia* vital, estão todas pendentes do primeiro crente, que para os catholicos foi Christo. — Ora, toda sociedade precisa de uma autoridade que a reja, e cujo mister seja dirigir os membros para o fim commum e conservar com prudencia os elementos de cohesão, que em uma sociedade religiosa são a doutrina e o culto. Ha, por isso, na Egreja Catholica uma triplice autoridade:

disciplinar, *dogmatica* e *cultual*.— A natureza desta autoridade deve ser deduzida da sua origem ; e da natureza, por sua vez, devem colligir-se os direitos e os deveres. Foi erro das eras passadas pensar-se que a autoridade da Egreja emanou de um principio extranho, isto é, immediatamente de Deus ; e por isto, com razão era ella considerada *autocratica*. Estas theorias, porém, já não são para os tempos que correm.

Assim como a Egreja emanou da collectividade das consciencias, a autoridade emana virtualmente da mesma Egreja. A autoridade, portanto, da mesma sorte que a Egreja, nasce da consciencia religiosa, e por esta razão fica dependente da mesma ; e si faltar a essa dependencia, torna-se tyrannica. Nos tempos que correm o sentimento de liberdade attingiu o seu pleno desenvolvimento. No estado civil a consciencia publica quiz um regimen popular. Mas a consciencia do homem, assim como a vida, é uma só. Si, pois, a autoridade da Egreja não quer suscitar e manter uma intestina guerra nas consciencias humanas, ha tambem mister curvar-se a formas democraticas ; tanto mais que, si o não quizer, a hecatombe será imminente. Loucura seria crer que o vivo sentimento da liberdade, ora dominante, retroceda.

Reprimido e enclausurado com violencia, transbordará mais impetuoso, destruindo conjunctamente a religião e a Egreja.— São estes os raciocinios dos modernistas, que por isto estão todos empenhados em achar o modo de conciliar a autoridade da Egreja com a liberdade dos crentes.

Accresce ainda que não é só dentro do seu recinto, que a Egreja tem com quem entender-se amigavelmente ; mas tambem fóra. Não se acha ella só no mundo a occupal-o ; occupam-no tambem outras sociedades, com as quaes não póde deixar de tratar e de relacionar-se. Con-

vem, pois, determinar quaes sejam os direitos e os deveres da Egreja para com as sociedades civis ; e bem se vê que tal determinação deve ser tirada da natureza da mesma Egreja, tal qual os modernistas nol-a descreveram.

As regras que hão de servir para este fim são as mesmas, que acima serviram para a sciencia e a fé. Tratava-se então de *objectos*, aqui de *fins*. Assim pois, como *por causa do objecto* se disse que a fé e a sciencia são mutuamente extranhas, tambem o Estado e a Egreja são extranhos um á outra, por causa do fim a que tendem, temporal para o Estado, espiritual para a Egreja. Falava-se outr'ora do temporal sujeito ao espiritual ; de questões *mixtas*, em que a Egreja intervinha qual senhora e rainha, porque então se tinha a Egreja como instituida immediatamente por Deus, emquanto auctor da ordem sobrenatural. Mas estas crenças já não são admittidas pela philosophia, nem pela historia. Deve, portanto, a Egreja separar-se do Estado, e assim tambem o catholico do cidadão. E é por este motivo que o catholico, não se importando com a autoridade, com os desejos, com os conselhos e com as ordens da Egreja, e até mesmo desprezando as suas reprehensões, tem direito e dever de fazer o que julgar mais opportuno ao bem da patria.

Querer, sob qualquer pretexto, impôr ao cidadão uma norma de proceder, é por parte do poder ecclesiastico verdadeiro abuso, que se deve repellir com toda a energia.— Veneraveis Irmãos, as theorias de que dimanam todos estes erros são as mesmas, que o Nosso predecessor Pio VI condemnou solemnemente na Constituição apostolica *Auctorem fidei* (1).

(1) Prop. 2. *A proposição que affirma que o poder foi dado por Deus á Egreja, para que fosse communicado aos Pastores, que são os seus ministros, para a salvação das almas, entendida no sentido de que o poder do ministerio e regimen ecclesiastico passa da Communidade dos fieis para os Pastores* : *é heretica.* — Prop. 3. *Tambem*

No emtanto á escola dos modernistas não basta que o Estado seja separado da Egreja. Assim como a fé deve subordinar-se á sciencia, quanto aos elementos phenomenicos, assim tambem nas cousas temporaes a Egreja tem que sujeitar-se ao Estado. Isto não affirmam talvez muito abertamente; mas por força de raciocinio são obrigados a admittil-o. Em verdade, admittido que o Estado tenha absoluta soberania em tudo o que é temporal, si succeder que o crente, não satisfeito com a religião do espirito, se manifeste em actos exteriores, como, por exemplo, em administrar ou receber os Sacramentos, isto já deve necessariamente cahir sob o dominio do Estado. Postas as cousas neste pé, para que servirá a autoridade ecclesiastica? Visto que esta não tem razão de ser sem os actos externos, estará em tudo e por tudo sujeita ao poder civil. E' esta ineluctavel consequencia que leva muitos dentre os protestantes liberaes a desembaraçar-se de todo o culto externo e até de toda a sociedade religiosa externa, procurando pôr em voga uma religião, que chamam *individual*. — E si os modernistas desde já não se atiram francamente a esses extremos, insistem pelo menos em que a Egreja se deixe espontaneamente conduzir por elles até onde pretendem leval-a e se amolde ás formas civis. Isto quanto á autoridade *disciplinar*. — Mais graves e perniciosas são as suas affirmações relativamente á autoridade *doutrinal* e *dogmatica*. Assim pensam elles acerca do magisterio ecclesiastico: A sociedade religiosa não póde devéras ser uma, sem unidade de consciencia nos seus membros e unidade de formula. Mas esta dupla unidade requer por assim dizer um entendi-

aquella que affirma que o Romano Pontifice é chefe ministerial, entendida no sentido de que, não de Christo na pessôa do bemaventurado Pedro, mas da Egreja recebeu o poder do ministerio, de que gosa em toda a Egreja como successor de Pedro, verdadeiro Vigario de Christo e chefe de toda a Egreja: é heretica.

mento commum, a que compete achar e determinar a formula que melhor corresponda á consciencia commum ; e a esse entendimento convem ainda attribuir a autoridade conveniente, para poder impôr á communidade a formula estabelecida. Nesta união e quasi fusão da mente designadora da formula e da autoridade que a impõe, acham os modernistas o conceito do magisterio ecclesiastico. Visto pois que o magisterio a final de contas não é mais do que um producto das consciencias individuaes, e só para commodo das mesmas consciencias, lhe é attribuido officio publico, resulta necessariamente que elle depende dessas consciencias, e por conseguinte deve inclinar-se a formas democraticas. Prohibir, portanto, que as consciencias dos individuos manifestem publicamente as suas necessidades, e impedir á critica o caminho que leva o dogma a necessarias evoluções, não é fazer uso de um poder dado para o bem publico, mas abusar delle. — Da mesma sorte, no proprio uso do poder deve haver modo e medida. E' quasi tyrannia condemnar um livro sem que o autor o saiba, e sem admittir nenhuma explicação nem discussões. — Ainda aqui portanto deve adoptar-se um meio termo, que ao mesmo tempo salve a autoridade e a liberdade. E nesse interim o catholico poderá agir de tal sorte que, protestando o seu profundo respeito á autoridade, continue sempre a trabalhar á sua vontade. — Em geral admoestam a Egreja de que, sendo o fim do poder ecclesiastico todo espiritual, não lhe assentam bem essas exhibições de apparato exterior e de magnificencia, com que sóe comparecer ás vistas da multidão. E quando assim o dizem, procuram esquecer que a religião, comquanto essencialmente espiritual, não póde restringir-se exclusivamente ás cousas do espirito, e que as honras prestadas á autoridade espiritual se referem á pessôa de Christo que a instituiu.

Para concluir toda esta materia da fé e seus diversos germens, resta-nos por fim, Veneraveis irmãos, ouvir as theorias dos modernistas acerca do desenvolvimento dos mesmos. — Teem elles por principio geral que numa religião viva tudo deve ser mutavel e mudar-se de facto. Por aqui abrem caminho para uma das suas principaes doutrinas, que é a da *evolução*. O dogma, pois, a Egreja, o culto, os livros sagrados e até mesmo a fé, si não forem cousas mortas, devem sujeitar-se ás leis da evolução. Quem se lembrar de tudo o que os modernistas ensinam sobre cada um desses assumptos, já não ouvirá com pasmo a affirmação deste principio. Posta a lei da evolução, os proprios modernistas passam a descrever-nos o modo como ella se effectúa. E começam pela fé. Dizem que a forma primitiva da fé foi rudimentar e indistinctamente commum a todos os homens; porque se originava da propria natureza e vida do homem. Progrediu por evolução vital; quer dizer, não pelo accrescimo de novas formas, vindas de fóra, mas por uma crescente penetração do sentimento religioso na consciencia. Esse mesmo progresso se realizou de duas maneiras: primeiro *negativamente*, eliminando todo o elemento extranho, como seja o sentimento de familia ou de nacionalidade; em seguida *positivamente*, com o aperfeiçoamento intellectual e moral do homem, donde resultou maior clareza para a idéa divina e excellencia para o *sentimento religioso*. As mesmas causas que serviram para explicar a origem da fé, explicam tambem o seu progresso. A estas, porém, devem accrescentar-se aquelles genios religiosos, a que chamamos prophetas, dos quaes o mais eminente foi Christo; seja porque elles na sua vida ou nas suas palavras tinham algo de mysterioso, que a fé attribuia á divindade, seja porque alcançaram novas e desconhecidas *experiencias* em plena harmonia com as exigencias do seu tempo.

O progresso do dogma nasce principalmente da necessidade de vencer os obstaculos da fé, derrotar os adversarios, repellir as difficuldades. Deve-se ainda accrescentar um continuo esforço, para se penetrar cada vez mais nos arcanos da fé. Deixando de parte outros exemplos, assim succedeu com Christo; aquelle quer que seja de divino, que a fé a principio lhe attribuia, foi-se gradualmente augmentando, até que definitivamente foi tido por Deus. — O principal estimulo de evolução para o culto, é a necessidade de se adaptar aos costumes e tradições dos povos; e bem assim de gosar da efficacia de certos actos, já admittidos pelo uso. — A Egreja acha finalmente a razão do seu evoluir na necessidade de se acommodar ás condições historicas e ás formas do governo publicamente adoptadas. — Isto dizem os modernistas de cada um daquelles principios. E aqui, antes de passarmos adeante, queremos insistir em que se attente nessa doutrina das *necessidades (dei bisogni)*, dizem elles vulgarmente; porque ella, além do que já vimos, é como que a base e o fundamento desse famoso methodo, que chamam historico.

Detendo-nos ainda na doutrina da evolução, observamos que, embora as necessidades sirvam de estimulo para a evolução, si ella não tivesse outros estimulos sinão esses, facilmente transporia os limites da tradição, e assim desligada do primitivo principio vital, já não levaria ao progresso, mas á ruina. Estudando, pois, mais a fundo o pensar dos modernistas, deve-se dizer que a evolução é como o resultado de duas forças que se combatem, sendo uma dellas progressiva e a outra conservadora. A força conservadora está na Egreja e é a tradição. O exercicio desta é proprio da autoridade religiosa, quer de direito, pois que é da natureza de toda autoridade adstringir-se o mais possivel á tradição; quer de facto, pois que, retrahida das contingencias da vida, pouco ou talvez nada

sente dos estimulos que impellem ao progresso. Ao contrario, a força que, correspondendo ás necessidades, arrasta ao progresso, occulta-se e trabalha nas consciencias individuaes, principalmente naquellas que, como elles dizem, se acham mais em contacto com a vida. — Neste ponto, Veneraveis Irmãos, já se percebe o despontar daquella perniciosissima doutrina, que introduz na Egreja o laicado como factor de progresso.

De uma especie de convenção entre as forças de conservação e de progresso, isto é, entre a autoridade e as consciencias individuaes, nascem as transformações e os progressos. As consciencias individuaes, ou pelo menos algumas dellas, fazem pressão sobre a consciencia collectiva; e esta por sua vez sobre a autoridade, obrigando-a a capitular e pactuar. — Admittindo isto, não é de admirar ver-se como os modernistas pasmam por serem admoestados ou punidos. O que se lhes imputa como culpa, consideram um dever sagrado. Ninguem melhor do que elles conhece as necessidades das consciencias, porque são elles, e não a autoridade ecclesiastica, os que se acham mais em contacto com ellas. Julgam quasi ter em si encarnadas todas essas necessidades; dahi a persuasão que teem de falar e escrever desassombradamente. Nada se lhes dá das censuras da autoridade; porque se sentem fortes com a consciencia do dever, e por intima experiencia sabem que merecem applausos e não censuras. Nem tampouco ignoram que os progressos não se alcançam sem combates, nem ha combates sem victimas, como o foram os prophetas e Christo. Ainda que a autoridade os maltrate, não a odeiam; sabem que assim está cumprindo o seu dever. Lamentam apenas que se lhes não prestem ouvidos, porque isto será causa de atrazo ao progresso dos espiritos; mas, ha de vir a hora de se romperem as barreiras, porque as leis da evolução pode-

rão ser refreadas; quebradas, porém, nunca. Traçado este caminho, elles continuam; continuam, com desprezo das reprehensões e condemnações, occultando audacia inaudita com o véo de apparente humildade. Simulam finalmente curvar a cabeça; mas, no emtanto a mão e o pensamento proseguem o seu trabalho com ousadia ainda maior. E assim avançam com toda a reflexão e prudencia, tanto porque estão persuadidos de que a autoridade deve ser estimulada e não destruida, como tambem porque precisam de permanecer no seio da Egreja, para conseguirem pouco a pouco assenhorear-se da consciencia collectiva, transformando-a; mal percebem, porém, quando assim se exprimem, que estão confessando que a consciencia collectiva diverge dos seus sentimentos, e que portanto não teem direito de declarar-se interpretes da mesma.

Nada, portanto, Veneraveis Irmãos, se pode dizer estavel ou immutavel na Egreja, segundo o modo de agir e de pensar dos modernistas. Para o que tambem não lhes faltaram precursores, esses de quem o Nosso predecessor Pio IX escreveu: *Estes inimigos da revelação divina, que exaltam com os maiores louvores o progresso humano, desejariam com temerario e sacrilego atrevimento introduzil-o na religião catholica, como si a mesma não fosse obra de Deus, mas obra dos homens, ou algum systema philosophico, que se possa aperfeiçoar por meios humanos* (1). Acerca da revelação particularmente, e do dogma, os modernistas nada acharam de novo; pois, a sua mesma doutrina, antes delles, já fora condemnada no Syllabo de Pio IX nestes termos: *A divina revelação é imperfeita e por isto está sujeita a continuo e indefinido progresso, correspondente ao da razão humana* (2); e mais solemnemente ainda a proscreve o

(1) Enc. «*Qui pluribus*», 9 de nov. 1846.
(2) Syllabo, Prop. V.

Concilio Vaticano por estas palavras: *A doutrina da fé por Deus revelada, não é proposta á intelligencia humana para ser aperfeiçoada, como uma doutrina philosophica, mas é um deposito confiado á esposa de Christo, para ser guardado com fidelidade e declarada com infallibilidade. Segue-se, pois, que tambem se deve conservar sempre aquelle mesmo sentido dos sagrados dogmas, já uma vez declarado pela santa Madre Egreja, nem se deve jámais afastar daquelle sentido sob pretexto e nome de mais elevada comprehensão* (1). De maneira alguma poderá seguir-se dahi que fique impedida a explicação dos nossos conhecimentos, mesmo relativamente á fé; ao contrario, isto a auxilia e promove. Neste sentido é que o Concilio prosegue dizendo: *Cresça, pois, e com ardor progrida a comprehensão, a sciencia, a sapiencia tanto de cada um como de todos, tanto de um só homem como de toda a Egreja com o passar das edades e dos seculos; mas no seu genero sómente, isto é, no mesmo dogma, no mesmo sentido, no mesmo parecer* (2).

Já entre os sequazes do modernismo considerámos o philosopho, o crente e o theologo; resta agora examinarmos tambem o historiador, o critico e o apologista.

Ha certos modernistas que se atiram a escrever historia, que parecem muito preoccupados em não passar por philosophos e chegam até a declarar-se totalmente alheios aos conhecimentos philosophicos. E' isto um rasgo de finissima astucia; para que ninguem os julgue embebidos de preconceitos philosophicos e assim pareçam, como elles dizem, completamente *objectivos*. Em verdade, porém, a sua historia ou critica não resumbra sinão a philosophia; e as suas deducções procedem por bom raciocinio dos seus principios philosophicos. Isto se faz manifesto a quem reflectir com ponderação.— Os tres pri-

(1) Const. «*Dei Filius*», cap. IV.
(2) Log. citado.

meiros canones desses taes historiadores ou criticos são aquelles mesmos principios, que acima deduzimos dos philosophos; isto é, o *agnosticismo*, o theorema da *transfiguração* das cousas pela fé, e o outro que Nos pareceu poder denominar da *desfiguração*. Vamos examinar-lhes já, em separado, as consequencias.— Segundo o *agnosticismo*, a historia, bem como a sciencia, só trata de phenomenos. Por conseguinte, tanto Deus como qualquer intervenção divina nas causas humanas deve ser relegado para a fé, como de sua exclusiva competencia. Si se tratar, pois, de uma causa em que intervier duplo elemento, isto é, o divino e o humano, como Christo, a Egreja, os Sacramentos e cousas semelhantes, devem separar-se e discriminar-se taes elementos, de tal modo que o que é humano passe para a historia, o que é divino para a fé. E' este o motivo da distincção que sóem fazer os modernistas entre um Christo da historia e um Christo da fé, uma Egreja da historia e uma Egreja da fé, entre Sacramentos da historia e Sacramentos da fé, e assim por deante.— Em seguida, esse mesmo elemento humano, que vemos o historiador tomar para si, tal qual se manifesta nos monumentos, deve ser tido como elevado pela fé, por *transfiguração*, acima das condições historicas. Convem, portanto, subtrahir-lhe de novo os accrescimos feitos pela fé, e restituil-os á mesma fé e á historia da fé; assim se deve proceder, tratando-se de Jesus Christo, em tudo o que excede as condições de homem, seja natural, como a psychologia nol-o apresenta, seja conforme as condições do logar e tempo em que viveu.— Demais, em virtude do terceiro principio philosophico, tambem as cousas que não sáem fóra das condições da historia, fazem-nas elles como que passar pela joeira, e eliminam, relegando á fé, tudo o que, a juizo seu, não entrar na *logica* dos factos nem fôr conforme á indole das pessoas. Assim, querem

que Christo não tenha dito aquellas cousas que parecem não estar ao alcance do vulgo.

Por isto eliminam da sua historia *real* e transportam para a fé, todas as allegorias que se encontram nos seus discursos. E com que criterio, perguntamos, se guiam elles nesta escolha? Pela consideração do caracter do homem, das condições em que se achou na sociedade, da educação, das circumstancias de cada facto; em uma palavra, por uma norma que, si bem a entendemos, afinal se resolve em mero *subjectivismo*. Isto é, procuram apoderar-se da pessôa de Jesus Christo, e como que revestir-se della, e assim lhe attribuem nem mais nem menos tudo o que elles mesmos fariam em circumstancias identicas. — Assim pois, para concluirmos, *a priori*, e partindo de certos principios que admittem embora affirmem que os ignoram, na historia *real* affirmam que Christo nem foi Deus, nem fez cousa alguma de divino; e como homem, que elle fez e disse apenas aquillo que elles, referindo-se ao tempo em que viveu, acham que podia ter feito e dito.

Assim pois, como a historia recebe da philosophia as suas conclusões, assim tambem a critica por sua vez as recebe da historia. O critico, seguindo a pista do historiador, divide todos os documentos em duas partes. Depois de fazer o triplice córte acima referido, passa todo o restante para a historia *real*, e entrega a outra parte á historia da fé, ou noutros termos, á historia *interna*. Os modernistas pôem grande empenho em distinguir estas duas historias; e, note-se bem, contrapôem á historia da fé a historia *real*, emquanto real. Dahi resulta, como já vimos, um duplo Christo; um real, e outro que de facto nunca existiu, mas pertence á fé; um que viveu em determinado logar e tempo, outro que se encontra nas piedosas meditações da fé; tal, por exemplo, é o Christo descripto no evangelho de S. João, o qual evangelho,

pretendem-no os modernistas, do principio ao fim é mera meditação.

Mas o dominio da philosophia na historia ainda vai além. Feita, como dissemos, a divisão dos documentos em duas partes, apresenta-se de novo o philosopho com o seu principio da *immanencia vital*, e prescreve que tudo o que se acha na historia da Egreja deve ser explicado por *emanação vital*. E visto como a causa ou condição de qualquer emanação vital procede de alguma *necessidade*, todo acontecimento deve ser a consequencia de uma *necessidade*, e deve considerar-se historicamente posterior a ella.

Que faz então o historiador? Entregue de novo ao estudo dos documentos, tanto nos livros sacros quanto nos demais, vai formando um catalogo de cada uma das necessidades que por sua vez se apresentaram á Egreja, quer relativas ao dogma, quer ao culto ou a outras materias. Feito este catalogo, passa-o ao critico. Este, pois, manuseia os documentos destinados á historia da fé e os distribúe de edade em edade, de maneira que correspondam ao elencho que lhe foi dado; e tudo isto faz tendo sempre em vista o preceito de que o facto é precedido da necessidade, e a narração, do facto.

Bem poderia ser que certas partes da Escriptura sagrada, como as Epistolas, tambem fossem um facto creado pela necessidade. Seja como fôr, o certo porém é que não se pode determinar a edade de nenhum monumento, sinão pela epoca em que cada necessidade se manifestou na Egreja. — Convem ainda distinguir entre o começo de um facto e o seu desenrolar-se; porquanto, o que póde nascer em um dia, não cresce sinão com o tempo. Esta é a razão pela qual o critico ainda deve bipartir os monumentos, já dispostos segundo as edades, segregando os que se referem ás origens de um facto dos

que pertencem ao seu desenvolvimento, e dispondo de novo estes ultimos em ordem chronologica.

Feito isto, reapparece o philosopho e obriga o historiador a conformar os seus estudos com os preceitos e as leis da evolução. E o historiador, conformando-se, torna a esquadrinhar os mouumentos ; a procurar com cuidado as circumstancias e coudições em que se achou a Egreja, no correr dos tempos, as necessidades internas e externas que a impelliram ao progresso, os obstaculos que se lhe antolharam, numa palavra, tudo o que poder servir para determinar o modo pelo qual se realisaram as leis da evolução. Concluido este trabalho, elle esboça em suas linhas principaes a historia do desenvolvimento dos factos. Segue-se-lhe o critico, que a este esqueleto Historico adapta os demais documentos.

Extende-se então a narração ; está completa a historia ; — mas agora perguntamos, essa historia a quem se deve attribuir ? ao historiador ou ao critico ? A nenhum dos dous, por certo ; mas ao philosopho. Tudo ahi foi exarado por *apriorismo*, e certamente por um *apriorismo* abundante em heresias. São na verdade para lastimar esses homens, dos quaes o Apostolo disse : *Desvairam em seus pensamentos;... gabando-se de sabios, estolidos é que se tornaram* (1) ; mas ao mesmo tempo provocam a indignação, quando accusam a Egreja de corromper os documentos para fazel-os servir aos proprios interesses. Isto é, atiram sobre a Egreja aquillo de que a propria consciencia manifestamente os accusa.

Dessa desaggregação e da disseminação dos documentos pelo decurso do tempo, segue-se naturalmente que os livros sagrados não podem absolutamente ser attribuidos aos autores de quem trazem o nome. E esta é a razão,

(1) *Aos Romanos* I, 21, 22.

por que os modernistas não hesitam em affirmar a miudo que esses livros, especialmente o Pentateucho e os tres primeiros Evangelhos, de uma breve narração primitiva, foram pouco a pouco se avolumando por accrescimos e interpolações, seja a modo de interpretações theologicas ou allegoricas, seja a modo de transições para ligarem entre si as diversas partes. — Noutros termos mais breves e mais claros, querem que se deva admittir a *evolução vital* dos livros sacros, nascida da evolução da fé e correspondente á mesma. — Accrescentam ainda que os signaes de tal evolução apparecem tão manifestos, que se poderia escrever a historia dos mesmos. E chegam mesmo a escrever essa historia, e com tanta persuasão que parecem elles mesmos ter visto com seus proprios olhos cada um dos escriptores, que nos diversos seculos extenderam a mão sobre a escriptura para amplial-a. — Para confirmal-o, recorrem á critica que chamam *textual*, e se esforçam em persuadir que este ou aquelle facto, estes ou aquelles dizeres não se acham no seu logar, e aduzem ainda outras razões deste mesmo quilate. Dir-se-ia na verdade que se prestabeleceram certos typos de narrações ou allocuções, que servem de criterio certissimo para julgar si uma cousa está no seu logar ou fóra delle. — Com semelhante methodo, julgue quem poder fazel-o, si elles podem ser capazes de discernir. E no emtanto, quem os ouvir discorrer a respeito dos seus estudos relativos á Escriptura, nas quaes lograram descobrir tantas incongruencias, é levado a crêr que antes delles ninguem manuseou aquelles livros, e que não houve uma infinita multidão de Doutores, em talento, em sabedoria, e na santidade da vida muito superiores a elles, que os esquadrinharam em todos os sentidos.

E para esses sapientissimos Doutores tão longe estavam as sagradas Escripturas de ter alguma cousa de re-

prehensivel, que, ao contrario, quanto mais elles a aprofundavam, tanto mais agradeciam a Deus ter-se dignado de assim fallar aos homens.

Mas é que os nossos Doutores não se entregaram ao estudo das Escripturas com os meios de que se proviram os modernistas! isto é, não se deixaram amestrar nem guiar por uma philosophia que tem a negação de Deus por ponto de partida, nem se arvoraram a si mesmos em norma de bem julgar. — Parece-nos, pois, já estar bem declarado o methodo historico dos modernistas. O philosopho abre o caminho; segue-o o historiador; logo após por seu turno a critica interna e textual. E como é proprio da primeira causa communicar sua virtude ás segundas, claro está que tal critica não é uma qualquer critica, mas por direito deve chamar-se *agnostica, immanentista, evolucionista;* e por isso quem a professa ou della se utilisa, professa os erros que se conteem nella e se põe em opposição com a doutrina catholica. — Por esta razão é muito de admirar que tal genero de critica possa hoje ter tão grande acceitação entre catholicos. Isto assim succede por dous motivos: o primeiro é a alliança intima que ha entre os historiadores e criticos desse genero, não obstante qualquer diversidade de nacionalidade ou de crenças; o outro é a incrivel audacia com que, qualquer parvoice que algum delles diga, é pelos outros sublimada e decantada como progresso da sciencia; si alguem o negar leva a pécha de ignorante; si, porém, o acceitar e defender, será coberto de louvores. Disto se segue que não poucos ficam enganados; entretanto, si melhor considerassem as cousas, ficariam ao contrario horrorisados. — Desta prepotente imposição dos extraviados, deste incauto assentimento dos pusillanimes produz-se uma certa corrupção de atmosphera, que penetra em toda a parte e diffunde o contagio. — Mas passemos ao apologista.

Entre os modernistas tambem este depende duplamente do philosopho. Primeiro *indirectamente*, tomando para materia a historia, escripta, como vimos, sob a direcção do philosopho; depois *directamente*, acceitando do philosopho os principios e os juizos. Vem daqui o preceito commum da escola modernista, que a nova apologia deve dirimir as controversias religiosas por meio de indagações historicas e psychologicas. Por isso, esses apologistas começam o seu trabalho advertindo os racionalistas de que não defendem a religião com os livros sacros, nem com as historias vulgarmente usadas na Egreja e escriptas á moda antiga; fazem-no, porém, com a historia *real*, composta segundo os preceitos modernos e com methodo moderno. Assim o dizem, não como se argumentassem *ad hominem*, mas porque de facto acreditam que só em tal historia se acha a verdade. Quando escrevem, tambem não se preoccupam de insistir na propria sinceridade; já são bastante conhecidos entre os racionalistas, já foram louvados como combatentes sob um mesmo estandarte; e desses louvores, que um verdadeiro catholico devêra rechassar, elles muito se lisonjeiam e se servem como de escudo contra as censuras da Egreja. — Vejamos como qualquer um delles faz praticamente semelhante apologia. O fim que se propõe é de conduzir o homem que ainda não crê, a sentir em si aquella *experiencia* da religião catholica, que para os modernistas é base da fé. Ha dous caminhos a seguir: um *objectivo* e o outro *subjectivo*. O primeiro parte do agnosticismo, e tende a demonstrar que na religião, especialmente na catholica, ha tal energia vital, que obriga todo sabio psychologo e historiador a admittir que na sua historia se esconde alguma cousa *incognita*. Para este fim é mister provar que a religião catholica, qual hoje existe, é a mesma fundada por Christo, ou melhor, é o progressivo desenvol-

vimento do germen a que Christo deu origem. Convem, por conseguinte, antes de tudo determinar qual seja esse germen. Pretendem elles fazel-o pela seguinte formula: Christo annunciou a vinda do reino de Deus, a realisar-se em breve, sendo elle o seu Messias, isto é, o executor e o organisador mandado por Deus. Depois disto convirá demonstrar como esse germen, sempre *immanente* na religião catholica e *permanente*, de vagar e a passo com a historia se foi desenvolvendo e adaptando ás successivas circumstancias, assimilando *vitalmente* tudo o que nas mesmas lhe apresentavam de util as formas doutrinaes, cultuaes, ecclesiasticas; superando ao mesmo tempo os obstaculos, desbaratando os inimigos, e sobrevivendo a toda a sorte de contradicções e luctas. Depois que todas estas cousas, a saber, os obstaculos, os inimigos, as perseguições, os combates, bem como a vitalidade e fecundidade da Egreja, se tiverem mostrado taes que, comquanto na historia da mesma se vejam observadas as leis da evolução, todavia não são bastantes ainda para uma explicação cabal, virá pela frente o *incognito*, que se apresentará por si mesmo. — Assim dizem elles. Comtudo, em todo este raciocinar ha uma cousa que não percebem; que aquella determinação do germen primitivo é fructo exclusivo do *apriorismo* do philosopho agnostico e evolucionista, e que o proprio germen é por elle tão gratuitamente definido, que devéras parece convir á sua causa.

Mas esses apologistas, ao passo que com os referidos argumentos procuram asserir e persuadir a religião catholica, tambem por outra parte concedem que ella contem muitas cousas que desagradam. E tambem, com um prazer mal disfarçado, publicamente propalam que tambem em materia dogmatica encontram erros e contradicções; não obstante accrescentarem que taes erros e contradicções não só merecem desculpa, mas, e é o que mais se admira,

devem ser legitimados e justificados. Assim tambem nas sagradas Escripturas, affirmam-no, occorrem muitos erros em materia scientifica e historica. Mas aquelles livros, accrescentam, não tratam de sciencia ou de historia, e sim de religião e de moral. A sciencia e a historia alli são meros involucros, que contornam as experiencias religiosas e moraes, para mais facilmente se divulgarem no povo; e como este povo não poderia entender de outro modo, não lhe seria vantajoso, porém nocivo, estar de posse de uma sciencia ou de uma historia mais perfeita. Demais, continuam a dizer, os livros sagrados, porque religiosos por natureza, teem necessariamente a sua vida; a vida tambem por sua vez tem a sua verdade e a sua logica, certamente diversa da verdade e da logica racional, e até mesmo de ordem assás diversa, a saber: é verdade de comparação e proporção, quer com o ambiente em que se vive, quer com o fim para que se vive. Chegam emfim a tal extremo, que se abalançam a affirmar, sem a menor restricção, que tudo o que se explica pela vida é verdadeiro e legitimo. — Nós, Veneraveis Irmãos, para quem a verdade é uma e unica, e consideramos os livros sacros como *escriptos por inspiração do Espirito Santo e tendo Deus por autor* (1), affirmamos que isto equivale a attribuir a Deus a mentira de utilidade ou officiosa; e com as palavras de S. Agostinho protestamos que, *uma vez admittida em excelsa autoridade qualquer mentira officiosa, não haverá nem uma pequena parte daquelles livros que, parecendo a alguem difficil de praticar ou incrivel de crêr, com a mesma perniciosissima regra não seja attribuida a conselho ou utilidade do mendaz autor* (2). E dahi resultará o que o Santo Doutor accrescenta: *Nelles*, isto é, nos livros sacros,

(1) Conc. Vat. *De Rev.* c. 2.
(2) Epist. 28.

cada um dará credito ao que quizer, e respeitará o que não lhe agradar. — Mas esses apologistas não se preoccupam com isto. Concedem ainda que nos livros sacros para sustentar uma doutrina qualquer, se acham por vezes razões que não se apoiam em nenhum razoavel fundamento; a estes generos pertencem as que se fundam nas prophecias. Comtudo elles tambem as defendem como artificios de prégação, que são legitimados pela vida. Que mais? Concedem, peior ainda, sustentam que o proprio Jesus Christo errou manifestamente, indicando o tempo da vinda do reino de Deus; e nem é para admirar, dizem, pois então elle ainda se achava sujeito ás leis da vida! — Posto isto, que será dos dogmas da Egreja? Tambem estes estão cheios de evidentes contradicções; mas, além de serem acceitos pela logica da vida, não se acham em opposição com a verdade symbolica; pois, nelles se trata do infinito, que tem infinitos aspectos. Emfim, tanto elles approvam e defendem essas theorias, que não pôem duvida em declarar que se não pode render ao Infinito maior preito de homenagens, do que affirmando acerca do mesmo cousas contradictorias! — E admittindo-se a contradicção, que é o que se não admittirá?

Além dos argumentos *objectivos*, o crente pode tambem ser disposto á fé pelos *subjectivos*. Para este fim os apologistas voltam-se de novo para a doutrina da *immanencia*. Empenham-se em convencer o homem de que nelle mesmo e nos intimos recantos de sua natureza e de sua vida, se occulta o desejo e a necessidade de uma religião, não já de uma religião qualquer, mas da catholica; porquanto esta, dizem, é rigorosamente *requerida (postulata)* pelo perfeito desenvolvimento da vida. — E sobre este ponto nos vemos de novo obrigados a lamentar que não faltem catholicos que, comquanto rejeitem a doutrina da *immanencia* como doutrina, todavia se utili-

sam della na apologetica; e fazem-no tão incautamente, que parecem admittir não sómente certa capacidade ou conveniencia na natureza humana para a ordem sobrenatural, (o que os apologistas catholicos com as devidas restricções sempre demonstram), mas tambem uma estricta e verdadeira exigencia. — Para sermos mais exactos, dizemos ainda que esta exigencia da religião catholica é sustentada pelos modernistas mais moderados. Pois, aquelles que podem ser denominados *integralistas*, pretendem que se deve mostrar ao homem que ainda não crê, como se acha latente dentro delle mesmo o germen que esteve na consciencia de Christo, e que Christo transmittiu aos homens. — Eis aqui, Veneraveis Irmãos, summariamente descripto o methodo apologetico dos modernistas, em tudo conforme com as suas doutrinas; e tanto o methodo como as doutrinas estão cheios de erros, capazes só de destruir e não de edificar, não de formar catholicos, mas de arrastar os catholicos á heresia, mais ainda, á completa destruição de toda a religião!

Pouco resta-nos finalmente dizer a respeito das pretenções do modernista como reformador. Já pelo que está exposto fica mais que patente a mania de innovação, que move esses homens; mania esta que não poupa absolutamente nada ao catholicismo. — Querem a innovação da philosophia, particularmente nos Seminarios; de tal sorte que, desterrada a philosophia dos escolasticos para a historia da philosophia, entre os systhemas já obsoletos, seja ensinada aos moços a moderna philosophia, que é a unica verdadeira, correspondente aos nossos tempos. — Para a reforma da theologia, querem que aquella theologia que chamamos racional, seja fundamentada na philosophia moderna. Desejam além disto que a theologia positiva se baseie na historia dos dogmas. — Querem tambem que a historia seja escripta e ensinada pelos seus methodos e

com preceitos novos. — Dizem que os dogmas e a sua evolução devem entrar em accordo com a sciencia e a historia. — Para o catecismo, exigem que nos livros de catechese se introduzam só aquelles dogmas, que tiverem sido reformados e estiverem ao alcance da intelligencia do vulgo. — Acerca do culto, clamam que se devem diminuir as devoções externas e prohibir que augmentem; embora, a bem da verdade, outros mais favoraveis ao symbolismo se mostrem nisto mais indulgentes. — Gritam a altas vozes que o regimen ecclesiastico deve ser renovado em todos os sentidos, mas especialmente na disciplina e no dogma. Por isto, dizem que por dentro e por fóra se deve entrar em accordo com a consciencia moderna, que se acha de todo inclinada para a democracia; e assim tambem dizem que o clero inferior e o laicado devem tomar parte no governo, que deve ser *descentralisado*.—Tambem devem ser transformadas as Congregações romanas; e antes de todas as do Santo Officio e do Indice. — Deve mudar-se a attitude da autoridade ecclesiastica nas questões politicas e sociaes, de tal sorte que não se intrometta nas disposições civis, mas procure amoldar-se a ellas, para penetral-as do seu espirito. — Em moral estão pelo Americanismo, dizendo que as virtudes activas devem antepôr-se ás passivas, e que convem promover o exercicio daquellas de preferencia a estas. — Desejam que o clero volte á antiga humildade e pobreza; e querem-no tambem de accôrdo no pensamento e na acção com os preceitos do modernismo. — Finalmente não falta entre elles quem, obedecendo muito de boa mente aos acenos dos seus mestres protestantes, até desejam ver supprimido do sacerdocio o sacro celibato. — Que restará, pois, de intacto na Egreja, que não deva por elles ou segundo os seus principios ser reformado?

Talvez que na exposição da doutrina dos modernis-

tas teremos parecido a alguem, Veneraveis Irmãos, demasiadamente prolixos. Isso, porém, foi de todo necessario, tanto para que não continuem a accusar-nos, como costumam, de ignorar as suas theorias, como tambem para que se veja que quando se fala de modernismo, não se trata de doutrinas vagas e desconnexas, mas de um corpo uno e compacto de doutrinas em que, admittida uma, todas as demais tambem o deverão ser. Por isso, tambem quizemos servir-nos de uma fórma quasi didactica, e nem recusámos os vocabulos barbaros, que os modernistas adoptam. — Si, pois, de uma só vista d'olhos attentarmos para todo o systhema, a ninguem causará pasmo ouvir-Nos definil-o, affirmando ser elle a synthese de todas as heresias. Certo é que si alguem se propuzesse juntar, por assim dizer, o distillado de todos os erros, que a respeito da fé teem sido até hoje levantados, nunca poderia chegar a resultado mais completo do que alcançaram os modernistas. Tão longe se adeantaram elles, como já o notámos, que destruiram não só o catholicismo, mas qualquer outra religião. Com isto se explicam os applausos dos racionalistas; por isto aquelles dentre os racionalistas que falam mais clara e abertamente, se vangloriam de não ter alliados mais effectivos que os modernistas. — E de facto, voltemos um pouco, Veneraveis Irmãos, á prejudicialissima doutrina do *agnosticismo*. Com esta, por parte da intelligencia está fechado ao homem todo o caminho para chegar a Deus, ao passo que se torna mais aberto por parte de um certo sentimento e da acção. Quem não percebe, porém, que isto se affirma em vão? O sentimento corresponde sempre á acção de um objecto, que é proposto pela intelligencia ou pelos sentidos. Excluí a intelligencia; e o homem seguirá mais arrebatadamente os sentidos pelos quaes é já arrastado. Além de que, quaesquer que sejam as phantasias de um sentimento

religioso, não podem ellas vencer o senso commum; ora, o senso commum nos ensina que toda a perturbação ou preoccupação do espirito, longe de ajudar, impede a investigação da verdade (queremos dizer da verdade em si mesma); ao passo que aquella outra verdade *subjectiva*, fructo do sentimento intimo e da acção, quando muito serviria para um jogo de palavras, sem nada aproveitar ao homem, que antes de tudo quer saber si fóra de si existe ou não um Deus, em cujas mãos ha de cahir um dia. —Recorrem outrosim e com afinco á *experiencia*. Mas, que póde ella accrescentar ao sentimento? Nada, por certo; poderá apenas tornal-o mais intenso; e esta intensidade tornará proporcionadamente mais firme a persuasão da verdade do objecto. Estas duas cousas, porém, não farão que o sentimento deixe de ser sentimento, nem lhe mudarão a natureza, sempre sujeita a engano, si não fôr auxiliada pela intelligencia; pelo contrario, confirmarão e reforçarão o sentimento, pois que este quanto mais intenso fôr, tanto mais direito terá a ser sentimento. — Como porém tratamos aqui do sentimento religioso e da experiencia, que nelle se contem, sabeis por certo, Veneraveis Irmãos, com quanta prudencia convem tratar esta materia, e quanta sciencia se requer para regular esta mesma prudencia. Vós o sabeis pelo contacto que tendes com as almas, especialmente aquellas, em que domina o sentimento; Vós o sabeis pelo estudo dos tratados de ascetica, que não obstante serem menospresados pelos modernistas, conteem doutrina mais solida e mais fina observação do que aquella de que se vangloriam os modernistas. E a Nós, na verdade, parece-Nos ser só de um demente ou pelo menos de um rematado imprudente o admittir, sem mais exame, por verdadeiras as taes experiencias intimas apregoadas pelos modernistas. Porque será então, digamol-o aqui de passagem, que tendo essas experiencias

tão grande força e certeza, não o possa tambem ter a experiencia de milhares de catholicos, quando affirmam que os modernistas vagueiam por um caminho errado? A maior parte dos homens sustenta e ha de sempre sustentar com firmeza que, só com o sentimento e a experiencia, sem a guia e a luz da intelligencia, nunca se chegará ao conhecimento de Deus. Resta, portanto, ainda uma vez, ou o atheismo ou a absoluta falta de religião.— Não esperem os modernistas melhores resultados da sua doutrina do *symbolismo*. De facto, si todos os elementos, que chamam intellectuaes, não passam de meros symbolos de Deus, por que motivo não será tambem um symbolo estas mesmas palavras — *Deus é de personalidade divina*? E si assim fôr, bem se poderá duvidar da mesma personalidade divina, e teremos aberta a estrada para o pantheismo. — Do mesmo modo, a um puro e simples pantheismo leva a outra doutrina da *immanencia divina*. Pois, si perguntarmos: essa *immanencia* distingue ou não distingue Deus do homem? Si distingue, que divergencia então pode haver entre essa doutrina e a catholica? ou então, porque rejeitam os modernistas a doutrina da revelação externa? Si, pelo contrario, não se distingue, temos de novo o pantheismo. Mas, de facto, a *immanencia* dos modernistas quer e admitte que todo o phenomeno de consciencia proceda do homem emquanto homem. Com legitimo raciocinio deduzimos portanto que Deus e o homem são uma e a mesma cousa; e daqui o pantheismo. — Tambem a distincção que fazem entre a sciencia e a fé, não leva a outro resultado. Pôem o objecto da sciencia na realidade do cognoscivel, e o da fé na realidade do incognoscivel. Ora, o incognoscivel é produzido pela completa desproporção entre o objecto e a intelligencia. E esta desproporção, accrescentam, nunca poderá cessar. Logo, o incognoscivel ficará sempre incognoscivel, tanto

para o crente quanto para o philosopho. Si, pois, alguma religião houver, o seu objecto será sempre a realidade do incognoscivel; e não sabemos por que motivo essa realidade não poderá ser a alma universal do mundo, como querem certos racionalistas. — Isto já é bastante para bem nos certificarmos de que muitos são os caminhos, pelos quaes a doutrina modernista vai acabar no atheismo e na destruição de toda religião. Neste caminho os protestantes deram o primeiro passo; os modernistas o segundo; pouco falta para o completo atheismo.

Para mais a fundo conhecermos o modernismo e o mais apropriado remedio acharmos para tão grande mal, cumpre agora, Veneraveis Irmãos, indagar algum tanto das causas donde se originou e por que se tem desenvolvido.—Não ha duvidar que a causa proxima e immediata é a aberração do entendimento. As remotas reconhecemol-as duas: o amor de novidades e o orgulho.—O amor de novidades basta por si só para explicar toda a sorte de erros. Por esta razão o Nosso sabio predecessor Gregorio XVI com toda a verdade escreveu (1): *Muito lamentavel é vêr até onde se atiram os delirios da razão humana, quando o homem corre após as novidades, e, contra as admoestações de S. Paulo, se empenha em saber mais do que convem, e, confiando demasiado em si, pensa que deve procurar a verdade fóra da Egreja catholica, onde ella se acha sem a menor sombra de erro.* — Comtudo o orgulho tem muito maior força para arrastar ao erro os entendimentos; e é o orgulho que, estando na doutrina modernista como em sua propria casa, ahi acha á larga de que se cevar e com que ostentar as suas manifestações. Effectivamente, o orgulho fal-os confiar tanto em si, que se julgam e dão a si mesmo como regra dos outros. Por orgulho lou-

(1) Ep. Encycl. « *Singulari Nos* » 7 kal. jul. 1834.

camente se gloriam de ser os unicos que possuem o saber, e dizem desvanecidos e inchados : *Nós cá não somos como os outros homens* ; e, de facto, para o não serem, abraçam e devaneiam toda a sorte de novidades, até das mais absurdas. Por orgulho repellem toda a sujeição, e affirmam que a autoridade deve alliar-se com a liberdade.

Por orgulho, esquecidos de si mesmos, pensam unicamente em reformar os outros, sem respeitarem nisto qualquer posição, nem mesmo a suprema autoridade. Para se chegar ao modernismo não ha, com effeito, caminho mais directo do que o orgulho. Si algum leigo ou tambem algum sacerdote catholico esquecer o preceito da vida christã, que nos manda negarmos a nós mesmos para podermos seguir a Christo, e si não afastar de seu coração o orgulho, ninguem mais do que elle se acha naturalmente disposto a abraçar o modernismo !— Seja portanto, Veneraveis Irmãos, o vosso primeiro dever resistir a esses homens soberbos, occupal-os nos misteres mais humildes e obscuros, afim de serem tanto mais deprimidos quanto mais se enaltecem, e, postos na infima plana, tenham menor campo a prejudicar. Além disto, por vós mesmos ou pelos reitores dos Seminarios, procurae com cuidado conhecer os jovens que se apresentam candidatos ás fileiras do clero ; e si algum delles fôr de natural orgulhoso, riscae-o resolutamente do numero dos ordenandos. Neste ponto, oxalá que se tivesse sempre agido com a vigilancia e fortaleza que era mister !

Passando das causas moraes ás que se relacionam com a intelligencia, surge primeiro a ignorancia.—Todos os modernistas que pretendem ser ou parecer doutores na Egreja, exaltando em voz clamorosa a moderna philosophia, e desdenhando a Escolastica, si abraçaram a primeira, illudidos pelos seus ouropeis, devem-no ao

ignorarem completamente a segunda, e ao carecerem por conseguinte dos meios convenientes para reconhecerem a confusão das idéas e refutar os sophismas. E', pois, do esponsalicio da falsa philosophia com a fé, que surgiu o seu systhema, prenhe de tantos e tamanhos erros.

Quem déra que elles fossem no emtanto menos zelosos e sagazes na propaganda destes erros! Mas, em vez disto, é tal a sua esperteza, é tão indefeso o seu trabalho, que devéras causa pezar ver consumirem-se em prejuizo da Egreja tantas forças, que bem empregadas lhe seriam muito vantajosas — Para conduzirem os espiritos ao erro, usam de dous meios: removem primeiro os obstaculos, e em seguida procuram com maxima cautela os ardis que lhes poderão servir, e põem-nos em pratica, incessante e pacientemente. – Dentre os obstaculos, tres principalmente se oppõem aos seus esforços : o methodo escolastico de raciocinar, a autoridade dos Padres com a tradição, o magisterio ecclesiastico. Tudo isto é para elles objecto de uma lucta encarniçada. Por isso, continuamente escarnecem e desprezam a philosophia e a theologia escolastica. Quer o façam por ignorancia, quer por temor, quer mais provavelmente por um e outra, o certo é que a mania da novidade nelles se acha alliada com o odio á escolastica ; e não ha signal mais manifesto de que começa alguem a volver-se para o modernismo, do que começar a aborrecer a escolastica. Lembrem-se os modernistas e os seus fautores da condemnação que Pio IX infligiu a esta proposição (1) : *O methodo e os principios com que os antigos doutores escolasticos trataram a theologia, não condizem mais com as necessidades dos nossos tempos e com os progressos da sciencia.*— São tambem muito astuciosos em desvirtuar a natureza e a efficacia da Tradição, afim de prival-a de todo o peso e autoridade. Porém nós, os catholicos, teremos sempre do

nosso lado a autoridade do segundo Concilio Niceno, que condemnou *aquelles que ousam..., á maneira de perversos hereges, desprezar as tradições ecclesiasticas e imaginar qualquer novidade... ou pensar maliciosa e astutamente em destruir o que quer que seja das legitimas tradições da Egreja catholica.* Teremos sempre a profissão do quarto Concilio Constantinopolitano: *Professamos, portanto, conservar e defender as regras que, tanto pelos santos e celebres Apostolos quanto pelos Concilios universaes e locaes, orthodoxos, mesmo por qualquer deiloquo Padre e Mestre da Egreja, foram dadas á Santa Egreja catholica e apostolica.* — Por esta razão os Pontifices Romanos Pio IV e Pio IX quizeram que se accrescentassem estas palavras á profissão de fé: *Creio firmemente e professo as tradições apostolicas e ecclesiasticas e todas as demais determinações e constituições da mesma Egreja.* — O mesmo juizo, que fazem da Tradição, extendem-no os modernistas tambem aos santos Padres da Egreja. Com a maior temeridade, tendo-os embora como muito dignos de toda a veneração, fazem-nos passar por muito ignorantes da critica e da historia, no que seriam indesculpaveis, si outros houveram sido os tempos em que viveram. — Põem finalmente todo o empenho em diminuir e enfraquecer o magisterio ecclesiastico, ora deturpando-lhe sacrilegamente a origem, a natureza, os direitos, ora repetindo livremente contra elle as calumnias dos inimigos. A' grei dos modernistas quadram estas palavras, que muito a contra gosto escreveu o Nosso Predecessor (1): *Para atirarem sobre a mystica Esposa de Jesus Christo, que é verdadeira luz, o desprezo e o odio, os filhos das trevas tomaram o costume de deprimil-a em publico com uma insensata calumnia, e, trocando a noção das cousas e das palavras, de chamal-a amiga do obscuran-*

(1) Motu-pr. « *Ut mysticam* », 14 de Março 1891.

tismo, sustentaculo da ignorancia, inimiga da luz, da sciencia e do progresso.— Em vista disto, Veneraveis Irmãos, não é para admirar que os catholicos, denodados defensores da Egreja, sejam o alvo do odio mais desapoderado dos modernistas. Não ha injuria que lhes não atirem em rosto; mas de preferencia os chamam ignorantes e obstinados. Si a erudição e o acerto de quem os refuta os atemorisa, procuram descartal-o, recorrendo ao silencio. Este modo de proceder com os catholicos torna-se ainda mais odioso, porque elles ao mesmo tempo exaltam descompassadamente com incessantes louvores os que seguem o seu partido; acolhem e batem palmas aos seus livros, eriçados de novidades; e quanto mais alguem mostra ousadia em destruir as cousas antigas, em rejeitar as tradições e o magisterio ecclesiastico, tanto mais encarecem a sua sabedoria; e por fim o que a todo espirito recto causa horror, não só elogiam publica e encarecidamente, mas veneram como martyr quem quer que por acaso fôr condemnado pela Egreja. Movidos e abalados por toda essa celeuma de louvores e de improperios, com o fito, ou de não passarem por ignorantes, ou de serem tidos por sabios, os animos juvenis, instigados interiormente pelo orgulho e pelo amor das novidades dão-se por vencidos e desertam para o modernismo.

Com isto já chegamos aos artificios com que os modernistas passam as suas mercadorias. Que recursos deixam elles de empregar para angariar sectarios? Procuram conseguir cadeiras nos Seminarios e nas Universidades, para tornarem-nas insensivelmente cadeiras de pestilencia. Inculcam as suas doutrinas, talvez disfarçadamente, prégando nas egrejas; expõem-nas mais claramente nos congressos; introduzem e exaltam-nas nos institutos sociaes sob o proprio nome ou sob o de outrem; publicam livros, jornaes, periodicos.

A's vezes um mesmo escriptor se serve de diversos nomes, para enganar os incautos, simulando grande numero de autores. Numa palavra, pela acção, pela palavra, pela imprensa, tudo experimentam, de modo a parecerem agitados por uma violenta febre.—Que resultado terão elles alcançado? Infelizmente lamentamos a perda de grande numero de moços, que davam optimas esperanças de poderem um dia prestar relevantes serviços á Egreja, actualmente fóra do bom caminho.

Lamentamos esses muitos que, embora não se tenham adeantado tanto, tendo comtudo respirado esse ar infeccionado, já pensam, falam e escrevem com uma tal liberdade, que em catholicos não assenta bem.

Vemol-os entre os leigos; vemol-os entre os sacerdotes; e, quem o diria? vemol-os até no seio das familias religiosas. Tratam a Escriptura, á maneira dos modernistas. Escrevendo sobre a historia, tudo o que pode desdoirar a Egreja divulgam cuidadosamente e com disfarçado prazer. Guiados por um certo apriorismo, procuram a todo o transe desfazer as piedosas tradições populares. Mostram desdenhar as sagradas reliquias, respeitaveis pela sua antiguidade. Emfim, vivem preoccupados em fazer o mundo falar de suas pessôas; e sabem que isto não será possivel, si disserem as mesmas cousas que sempre se disseram.

Pódem estar elles na persuasão de fazerem cousa agradavel a Deus e á Egreja; na realidade, porém, offendem gravemente a Deus e á Egreja, si não com suas obras, de certo com o espirito que os anima e com o auxilio que prestam aos atrevimentos dos modernistas.

A esta torrente de gravissimos erros, que ás claras e ás occultas se vai avolumando, o Nosso Predecessor Leão XIII, de feliz memoria, procurou energicamente levantar um dique, principalmente no que se refere ás

sagradas Escripturas. Já vimos, porém, que os modernistas não se deixam facilmente intimidar; eis porque, apparentando o maior acatamento e a mais apurada humildade, inverteram as palavras do. Pontifice do modo que lhes convinha, e propalaram que os actos do mesmo eram dirigidos a outros. Dest'arte o mal, dia a dia foi tomando maiores proporções.

E' por isto, Veneraveis Irmãos, que decidimos lançar mão, sem demora, de medidas mais energicas. Nós, porém, vos pedimos e supplicamos que em negocio de tal monta nada, de modo algum, se deixe a desejar em vossa vigilancia, desvélo e fortaleza. E isto mesmo que vos pedimos e de vós esperamos, pedimol-o tambem e esperamol-o dos demais pastores das almas, dos educadores e mestres do joven clero, e particularmente dos Superiores geraes das Ordens religiosas.

I. No que se refere aos estudos, queremos em primeiro logar e mandamos terminantemente, que a philosophia escolastica seja tomada por base dos estudos sacros. —Bem se comprehende que *si os doutores escolasticos trataram certas questões com excessiva argucia, ou foram omissos noutras; si disseram cousas que mal se acommodam com as doutrinas apuradas nos seculos posteriores, ou mesmo alguma cousa inadmissivel, mui longe está de nossa intenção querer que tudo isto deva servir de exemplo a imitar nos nossos dias* (1). O que importa saber, antes de tudo, é que a philosophia escolastica, que mandamos adoptar, é principalmente a de Santo Thomaz de Aquino; a cujo respeito queremos fique em pleno vigor tudo o que foi determinado pelo Nosso Predecessor, e, si ha mister, renovamos, confirmamos e mandamos severamente sejam por todos observadas aquellas disposições. Si isto tiver

(1) Leão XIII, Enc. « *Æterni Patris* ».

sido descuidado nos Seminarios, insistam e exijam os Bispos que para o futuro se observe. Tornamos extensiva a mesma ordem aos Superiores das Ordens religiosas. E todos aquelles que ensinam fiquem scientes de que não será sem graves prejuizos que, especialmente em materias metaphysicas, se afastarão de Santo Thomaz. Fundamentada assim a philosophia, sobre ella se erga com a maior diligencia o edificio theologico. — Veneraveis Irmãos, promovei com toda a solicitude o estudo da theologia, de tal sorte que ao sahirem dos Seminarios os clerigos lhe tenham alta consideração e profundo amor, e sempre o conservem carinhosamente. Porquanto, *é de todos sabido que na quasi infinidade de disciplinas, que se apresentam ás intelligencias avidas do saber, é tão certo que á Theologia cabe o primeiro logar, que os antigos diziam que era dever das outras sciencias e artes servirem-na e auxiliarem-na como escravas* (1). — Aproveitamos esta occasião para dizer que Nos parecem dignos de louvor aquelles que, salvando o respeito devido á Tradição, aos SS. Padres, ao magisterio ecclesiastico, procuram esclarecer a theologia positiva, com prudente criterio e normas catholicas (cousa que nem sempre se observa), tirando luzes da verdadeira historia. Certo é que na actualidade á theologia positiva se deve dar maior extensão que outr'ora; entretanto, isto se deve fazer de tal sorte que não seja de nenhum modo em detrimento da theologia escolastica, e sejam censurados, como fautores do modernismo, aquelles que de tal modo elevam a theologia positiva, que parece quasi desprezarem a escolastica.

Quanto ás disciplinas profanas, basta lembrar o que sabiamente disse o Nosso Predecessor (2): *Applicae-vos diligentemente ao estudo das cousas naturaes; pois, assim*

(1) Leão XIII, carta ap. « *In magna* », 10 dez. 1889.
(2) Alloc. 7 de março 1880.

como em nossos dias as engenhosas descobertas e os uteis emprehendimentos com sobeja razão são admirados pelos contemporaneos, da mesma sorte serão alvo de perennes louvores e encarecimentos dos vindouros. Seja isto feito porem sem prejuizo dos estudos sacros; assim tambem o advertiu o mesmo Nosso Predecessor, pelas seguintes palavras (1): *A causa de taes erros, si a investigarmos cuidadosamente, provem principalmente de que hoje, quanto maior intensidade se dá aos estudos das sciencias naturaes, tanto mais se descuram as disciplinas mais severas e mais elevadas; algumas destas são de facto quasi atiradas ao esquecimento; outras são tratadas com pouca vontade e de leve, e, cousa indigna, perdido o esplendor de sua primitiva dignidade, são deturpadas por opiniões inverosimeis e por enormes erros.* — E' esta a lei á qual mandamos que se conformem os estudos das sciencias naturaes nos Seminarios.

II. Em vista tanto destas Nossas disposições como das do Nosso Antecessor, convem prestar muita attenção toda a vez que se tratar da escolha dos directores e professores tanto dos Seminarios quanto das Universidades catholicas.— Todo aquelle que tiver tendencias modernistas, seja elle quem fôr, deve ser afastado quer dos cargos quer do magisterio; e si já estiver de posse, cumpre ser removido. Faça-se o mesmo com aquelles que ás occultas ou ás claras favorecerem o modernismo, louvando os modernistas, ou attenuando-lhes a culpa, ou criticando a escolastica, os Santos Padres, o magisterio ecclesiastico, ou negando obediencia a quem quer que se ache em exercicio do poder ecclesiastico; bem assim com aquelles que se mostrarem amigos de novidades em materia historica, archeologica e biblica; e finalmente com aquelles que se descuidarem dos estudos sacros ou

(1) Log. citado.

parecerem dar preferencia aos profanos. — Neste ponto, Veneraveis irmãos, e particularmente na escolha dos lentes, nunca será demasiada a vossa solicitude e constancia; porquanto, é o mais das vezes ao exemplo dos mestres, que se formam os discipulos. Firmados, portanto, no dever da consciencia, procedei nesta materia com prudencia, mas tambem com energia.

Não deve ser menor a vossa vigilancia e severidade na escolha daquelles que devem ser admittidos ao Sacerdocio. Longe, muito longe do clero esteja o amor ás novidades; Deus não vê com bons olhos os animos soberbos e rebeldes! — A ninguem d'ora em deante se conceda a laurea de theologia, si primeiro não tiver feito todo o curso de philosophia escolastica. Si não obstante isto ella fôr concedida, será nulla. Tornem-se d'ora em deante extensivas a todas as nações as disposições emanadas da sagrada Congregação dos Bispos e Regulares no anno 1896, acerca da frequencia dos clerigos regulares e seculares da Italia ás Universidades. Os clerigos e sacerdotes inscriptos a um Instituto ou a uma Universidade catholica, não poderão frequentar nas Universidades civis cursos tambem existentes nos Institutos catholicos a que se inscreveram. Si em tempos passados isto tiver sido concedido em algum logar, mandamos que de ora em deante não mais se permitta. Ponham os Bispos que formam o conselho directivo de taes Institutos catholicos ou Universidades catholicas, o maior empenho em fazer observar estas nossas determinações.

III. Compete, outrosim, aos Bispos providenciar para que os livros dos modernistas já publicados não sejam lidos, e as novas publicações sejam prohibidas. — Qualquer livro, jornal ou periodico desse genero não poderá ser permittido aos alumnos dos seminarios ou das Universidades catholicas; pois, dahi não lhes proviria

menor mal do que o que produzem as más leituras ; antes, seria ainda peior, porque ficaria contaminada a mesma raiz da vida christã. — Nem diversamente se ha de julgar dos escriptos de certos catholicos, homens aliás de não más intenções, porém faltos de estudos theologicos e embebidos de philosophia moderna, que procuram conciliar esta ultima com a fé, e fazel-a servir, como elles dizem, em proveito da mesma fé. O nome e a boa reputação dos autores faz com que taes livros sejam lidos sem o menor escrupulo, e por isto mesmo se tornam assás perigosos para pouco e pouco encaminharem ao modernismo.

Querendo, Veneraveis Irmãos, dar-vos normas geraes em tão grave assumpto, si em vossas dioceses circularem livros perniciosos, procurae energicamente proscrevel-os, condemnando-os mesmo solemnemente, si o julgardes opportuno. Comquanto esta Séde Apostolica procure por todos os meios proscrever taes publicações, tornou-se hoje tão avultado o seu numero, que não lhe bastariam forças para condemnal-as todas. Disto resulta ás vezes que o remedio já chega tarde, porque a demora já facilitou a infiltração do mal. Queremos, por conseguinte, que os Bispos, pondo de parte todo o receio, repellindo a prudencia da carne, desdenhando a grita dos maus, com suavidade perseverante cumpram todos o que lhes cabe, lembrando-se do que na Constituição apostolica *Officiorum*, Leão XIII escreveu : *Empenhem-se os Ordinarios, mesmo como Delegados da Séde apostolica, em proscrever e tirar das mãos dos ficis os livros ou quaesquer escriptos publicados ou divulgados nas suas dioceses.* Com estas palavras, é verdade, concede-se um direito ; mas, ao mesmo tempo, tambem se impõe um dever. Ninguem comtudo julgue ter cumprido tal dever pelo facto de Nos remetter um ou outro livro, deixando entretanto muitissimos outros ser publicados e divulgados. — Nem se julguem desobrigados

disto por terem sciencia de que certo livro alcançou de outrem o *Imprimatur*; porquanto, tal concessão pode ser falsa, como tambem pode ter sido dada por descuido, por excesso de benignidade, ou por demasiada fé no autor; e este ultimo caso pode muito facilmente dar-se nas Ordens religiosas. Accresce tambem saber que, assim como todo e qualquer alimento não serve egualmente para todos, da mesma sorte um livro que pode ser innocente num logar, já noutro, por certas circumstancias, pode tornar-se nocivo. Si, por conseguinte, o Bispo, depois de ouvir o parecer de pessôas prudentes, julgar que em sua diocese deve ser condemnado algum desses livros, damos-lhe para isto ampla faculdade, e até o oneramos com este dever. Desejamos entretanto se conservem as devidas attenções, e talvez baste num ou noutro caso restringir ao clero essa prohibição; e ainda mesmo neste caso os livreiros catholicos estão obrigados a não dar á venda as publicações prohibidas pelo Bispo. — E já que nos cahio sob a penna este assumpto, attendam os Bispos a que os livreiros, por avidez de lucro, não vendam livros perniciosos; o certo é que nos catalogos de alguns delles não poucas vezes se veem annunciados, e com bastantes louvores, os livros dos modernistas. Si elles a isto se recusarem, não ponham duvida os Bispos em prival os do titulo de livreiros catholicos; da mesma sorte, e por mais forte razão, si gosarem do titulo de episcopaes; mas, si tiverem o titulo do pontificios, seja o caso deferido á Santa Sé. — A todos finalmente lembramos o artigo XXVI da citada Constituição apostolica *Officiorum: Todas as pessôas que tiverem obtido faculdade apostolica de ler e conservar livros prohibidos, não se acham por esse mesmo facto autorisadas a ler livros ou jornaes proscriptos pelos Ordinarios locaes, salvo si no indulto apostolico se achar expressamente declarada a licença de ler e conservar livros condemnados por quem quer que seja.*

IV. No emtanto não basta impedir a leitura ou a venda de livros máus; cumpre, outrosim, impedir-lhes a impressão. Usem, pois, os Bispos a maior severidade em conceder licença para impressão. — E visto como é grande o numero de livros que, segundo a Constituição *Officiorum*, hão mister da autorisação do Ordinario, é costume em certas dioceses designar, em numero conveniente, Censores, por officio, para o exame dos manuscriptos. Louvamos com effusão de animo essa instituição de censura; e não só exhortamos, mas mandamos que se extenda a todas as dioceses. Haja, portanto, em todas as Curias episcopaes censores para a revisão dos escriptos em via de publicação. Sejam estes escolhidos no clero secular e regular, homens edosos, sabios e prudentes, que em julgar saibam com acerto achar o meio termo. Terão elles o encargo de examinar tudo o que, segundo os artigos XLI e XLII da referida Constituição. precisar de licença para ser publicado. O Censor dará o seu parecer por escripto. Si fôr favoravel, o Bispo permittirá a impressão com a palavra *Imprimatur*, que deverá ser precedida do *Nihil obstat* e do nome do Censor. — Tambem na Curia romana, como nas outras, serão estabelecidos Censores de officio. Serão estes designados pelo Mestre do sagrado Palacio Apostolico, depois de consultar o Cardeal Vigario de Roma e obtido tambem o consentimento e approvação do Summo Pontifice. O mesmo determinará qual dos Censores deverá examinar cada escripto. A licença de impressão será concedida pelo referido Mestre juntamente com o Cardeal Vigario ou o seu Vice-gerente, autepondo-se, porém, como acima se disse, o *Nihil obstat* e o nome do Censor. — Sómente em circumstancias extraordinarias e rarissimas, a prudente juizo do Bispo, poderá omittir-se a menção do Censor. — Nunca se dará a conhecer ao autor o nome do Censor, antes que este tenha dado seu juizo

favoravel, afim de que o Censor não venha a soffrer vexames, emquanto examinar os escriptos ou depois que os tiver desapprovado. — Nunca se escolham Censores entre as Ordens religiosas, sem primeiro pedir secretamente o parecer ao Superior provincial, ou, si se tratar de Roma, ao Geral; estes deverão em consciencia dar attestado dos costumes, do saber, da integridade e das doutrinas do escolhido. — Avisamos os Superiores religiosos do gravissimo dever que teem de nunca permittir que algum de seus subditos publique alguma cousa, sem a sua previa autorisação juntamente com a do Ordinario. — Declaramos em ultimo logar, que o titulo de Censor, com que alguem fôr honrado, nenhuma efficacia terá nem jámais poderá ser adduzido para corroborar as suas opiniões particulares.

Ditas estas cousas em geral, particularmente mandamos a mais rigorosa observancia do que se prescreve no artigo XLII da citada Constituição *Officiorum*, a saber: *E' prohibido aos sacerdotes seculares tomarem a direcção de jornaes ou periodicos, sem previa autorisação do Ordinario.* Será privado desta licença quem, depois de ter recebido advertencia, continuar a fazer mau uso della. — Como ha certos sacerdotes, que com o nome de *correspondentes* ou *collaboradores*, escrevem nos jornaes ou periodicos, artigos infectos de modernismo, tomem providencias os Bispos para que tal não aconteça; e acontecendo, advirtam-nos e prohibam-nos de escrever. Com toda a autoridade mandamos que os Superiores das Ordens religiosas façam o mesmo; e si estes se mostrarem descuidados neste ponto, façam-no os Bispos com autoridade delegada do Summo Pontifice.— Sempre que fôr possivel, tenham os jornaes e periodicos publicados pelos catholicos um determinado Censor. Será este obrigado á revisão de todas as folhas ou fasciculos já impressos; e si encontrar alguma cousa perigosa, fará corrigil-a quanto antes.

E si o Censor tiver deixado passar alguma cousa, o Bispo tem o direito de fazel-o corrigir.

V. Já nos referimos acima aos congressos e reuniões publicas, em que os modernistas se applicam á publica defeza e propaganda das suas opiniões.— Salvo rarissimas excepções, d'ora em deante os Bispos não permittirão mais os congressos de sacerdotes. Si nalgum caso o permittirem, será sob condição de não tratarem de assumptos da competencia dos Bispos ou da S. Sé, de fazerem propostas nem petições que envolvam usurpação de jurisdição, nem se faça menção alguma de tudo o que sabe a *modernismo*, *presbyterianismo* ou *laicismo*. — A essas reuniões que devem ser autorisadas, cada uma em particular e por escripto, e na epocha opportuna, não poderá comparecer sacerdote algum de outra diocese, sem as cartas commendaticias do proprio Bispo. – Lembrem-se todos os sacerdotes do que por estas gravissimas palavras, Leão XIII recommendou (1) : *Seja intangivel para os sacerdotes a autoridade dos proprios Bispos; persuadam-se de que si o ministerio sacerdotal não se exercer debaixo da direcção do Bispo, não será santo, nem proveitoso, nem merecedor de respeito.*

VI. Mas que aproveitariam, Veneraveis Irmãos, as Nossas ordens e as Nossas prescripções, si não fossem observadas como se deve com firmeza? Para o alcançarmos, pareceu-Nos bem extender a todas as dioceses o que desde muito annos os Bispos da Umbria com tanta sabedoria resolveram entre si (2). *Para extirpar*, diziam elles, *os erros já espalhados e impedir que se continúe a sua diffusão, ou que haja mestres de impiedade que perpetuem os perniciosos effeitos produzidos por essa mesma diffusão, se-*

(1) Carta Enc. « *Nobilissima Gallorum* », 10 fev. 1884.
(2) *Actas do Congr. dos Bispos da Umbria*, nov. 1849, Tit. II art. 6.

guindo o exemplo de S. Carlos Borromeo, este sacro Congresso determina que em cada diocese se institúa um conselho de homens emeritos dos dous cleros, com a incumbencia de ver si e de que modo os novos erros se dilatam e se propagam, e dar aviso disto ao Bispo, para que de commum accôrdo se providencie para a extincção do mal logo que desponte e não tenha tempo de espalhar se com detrimento das almas, nem, o que ainda seria peior, de se avigorar e crescer. — Determinamos, pois, que em cada diocese se institua um semelhante Conselho, que se denominará *Conselho de vigilancia.* Os membros do Conselho serão escolhidos pelas normas já prescriptas para os Censores dos livros. Reunir-se-ão de dous em dous mezes, em dia determinado, em presença do Bispo; e as cousas tratadas ou resolvidas guardem-nas os Conselheiros com segredo inviolavel.

Serão estes os deveres dos membros do Conselho: Investiguem com cuidado os vestigios de modernismo, tanto nos livros como no magisterio, e com prudencia, rapidez e efficacia providenciem quanto houver mister pela preservação do clero e da moralidade.— Combatam as novidades de palavras, e lembrem-se dos avisos de Leão XIII (1): *Nas publicações catholicas não se poderia approvar uma linguagem que, inspirando-se em perniciosas novidades, parecesse escarnecer da piedade dos fieis e falasse de nova orientação da vida christã, de novas direcções da Egreja, de novas aspirações da alma moderna, de nova vocação do clero, de nova civilisação christã.* Não se tolerem taes dislates nem nos livros nem nas cathedras.— Não se descuidem dos livros, em que se tratar das piedosas tradições de cada logar, ou das sagradas Reliquias. Não permittam que se ventilem taes questões em jornaes

(1) Instr. S. C. NN. EE. EE. 27 jan. 1902.

ou em periodicos destinados a nutrir a piedade, nem com expressões que tenham ares de zombaria ou de desdem, nem com affirmações decisivas, particularmente, como quasi sempre succede, quando o que se affirma não passa as raias da probabilidade ou quando se baseia em opiniões e preconceitos.— Acerca das sagradas Reliquias tomem-se as seguintes normas. Si os Bispos, que são os unicos juizes nesta materia, reconhecerem com certeza que uma reliquia é falsa, sem demora a subtrahirão ao culto dos fieis. Si, por occasião de perturbações civis ou por outro motivo, se tiverem extraviado os documentos de authenticidade de uma Reliquia qualquer, não seja esta exposta á veneração do povo, sem que primeiro tenha sido reconhecida pelo Bispo. Só terá valor o argumento de prescripção ou de presumpção fundada, quando o culto fôr recommendavel pela sua antiguidade, conforme o Decreto da Congregação das Indulgencias e das sagradas Reliquias, do anno de 1896, expresso nestes termos: *As antigas Reliquias devem ser conservadas na veneração que tiveram até agora, salvo si em casos particulares se tiverem provas certas de que são falsas ou suppositicias.*— Nos juizos a emittir acerca das pias tradições, tenha-se sempre deante dos olhos a summa prudencia de que usa a Egreja nesta materia, de não permittir que essas tradições sejam relatadas nos livros sem as determinadas precauções, e com a previa declaração prescripta por Urbano VIII; e apezar disto, ainda não se segue que a Egreja tenha o facto por verdadeiro; mas apenas não prohibe que se lhe dê credito, uma vez que para isto não faltem argumentos humanos. Foi isto precisamente o que, ha trinta annos, a sagrada Congregação dos Ritos declarou (1): *Essas apparições ou revelações não foram*

(1) Decr. 2 de maio 1877.

approvadas nem condemnadas pela S. Sé, foram apenas acceitas como merecedoras de piedosa crença, com fé puramente humana, em vista da tradição de que gosam, tambem confirmada por testemunhas e documentos idoneos. Quem se apegar a esta regra, nada tem que temer. Com effeito o culto de qualquer apparição, emquanto se bascia num facto e por isto se chama *relativo*, inclue sempre implicitamente a condição da veracidade do facto; o *absoluto*, porém, sempre se funda na verdade, porquanto se dirige ás mesmas pessôas dos Santos, a quem se honra. Dá-se o mesmo com as Reliquias. — Recommendamos por fim ao Conselho de vigilancia, lance assidua e cuidadosamente as suas vistas sobre os institutos sociaes e bem assim sobre os escriptos relativos a questões sociaes, afim de que ahi não se dê agasalho nem siquer a livros de modernismo, mas se acatem as prescripções dos Pontifices Romanos.

VII. Afim de que as cousas aqui determinadas não fiquem esquecidas, queremos e mandamos que, passado um anno da publicação das presentes Lettras, e em seguida depois de cada triennio, com exposição diligente e juramentada os Bispos informem a S. Sé a respeito do que nestas mesmas Lettras se prescreve, e das doutrinas que circulam no clero e particularmente nos Seminarios e outros Institutos catholicos, não exceptuando nem siquer aquelles que estão isentos da autoridade do Ordinario. Ordenamos a mesma cousa aos Superiores geraes das Ordens religiosas, com relação aos seus subditos.

Julgamos opportuno escrever-vos estas cousas, Veneraveis Irmãos, a bem da salvação de todos os fieis. Por certo os inimigos da Egreja hão de valer-se disto, para de novo repisarem a velha accusação, com que procuram fazer-Nos passar por inimigos da sciencia e dos progressos da civilisação. Afim de oppormos um novo desmentido a

taes accusações, que são desfeitas a cada pagina da historia da Egreja, é Nosso proposito conceder todo o auxilio e protecção a uma nova Instituição, pela qual sob o influxo da verdade catholica, será promovida toda a sorte de sciencias e erudições, com o concurso dos catholicos mais insignes no saber. Queira Deus secundar os Nossos designios, e auxiliem-nos todos quantos teem verdadeiro amor á Egreja de Jesu Christo. — Entretanto, Veneraveis Irmãos, para vós em cuja obra e zelo tanto confiamos, pedimos de coração a plenitude das luzes celestiaes, afim de que, nesta epoca de tão grande perigo para as almas, devido aos erros que de toda parte se infiltram, descortineis o que deveis fazer, e o executeis com todo o ardor e fortaleza. Que vos assista com seu poder Jesus Christo, autor e consummador da fé; que vos assista com o seu soccorro a Virgem Immaculada, destruidora de todas as heresias. E Nós, como penhor da Nossa affeição e como arrhas das divinas consolações no meio de vossos trabalhos, de coração vos damos a vós, ao vosso clero, e ao vosso povo a Benção Apostolica.

Dado em Roma, junto a S. Pedro, no dia 8 de Setembro de 1907, no quinto anno do Nosso Pontificado.

Pio X, Papa.

SYLLABO

Das proposições dos modernistas condemnadas pela Egreja

Sacrae Romanae et Universalis Inquisitionis Decretum

Feria IV, die 3 Julii 1907.

Lamentabili sane exitu ætas nostra freni impatiens in rerum summis rationibus indagandis ita nova non raro sequitur ut, dimissa humani generis quasi hæreditate, in errores incidat gravissimos. Qui errores longe erunt perniciosiores, si de disciplinis agitur sacris, si de Sacra Scriptura interpretanda, si de fidei præcipuis mysteriis. Dolendum autem vehementer inveniri etiam inter catholicos non ita paucos scriptores qui, prætergressi fines a patribus ac ab

Decreto da Sagrada Inquisição Romana e Universal

Quarta-feira, 3 de Julho de 1907.

Com exito verdadeiramente lamentavel, a nossa edade, desmandando-se no indagar as razões supremas das coisas, vae não raras vezes atrás de novidades por tal forma, que deixa de parte o que é como herança do genero humano, para se precipitar em erros gravissimos. Erros esses, que serão muito mais perniciosos, quando se trata das sciencias sagradas, ou da interpretação da Sagrada Escriptura, ou dos principaes mysterios da fé.

ipsa Sancta Ecclesia statutos, altioris intelligentiæ specie et historicæ considerationis nomine, eum dogmatum progressum quærunt qui, reipsa, eorum corruptela est.

Ne vero hujus generis errores, qui quotidie inter fideles sparguntur, in eorum animis radices figant ac fidei sinceritatem corrumpant, placuit SSmo D. N. Pio divina providentia Pp. X ut per hoc Sacræ Romanæ et Universalis Inquisitionis officium ii qui inter eos præcipui essent, notarentur et reprobarentur.

Quare, instituto diligentissimo examine, præhabitoque RR. DD. Consultorum voto, Emi ac Rmi Dni Cardinales in rebus fidei et morum Inquisitores Generales, propositiones quæ sequuntur reprobandas ac proscribendas esse

E é para lamentar profundamente que tambem entre os catholicos se encontrem não poucos escriptores que, ultrapassando os limites demarcados pelos santos Padres e pela propria Santa Egreja, a pretexto de mais elevados conhecimentos e em nome de considerações historicas, procuram esse progresso dos dogmas, que, na realidade, não é senão a sua corruptela.

Para impedir que esses erros, que todos os dias se vão diffundindo entre os fieis, criem raizes em seus corações e corrompam a sinceridade de sua fé, aprouve a nosso Santissimo Padre por divina providencia Papa Pio X que, por officio desta Sagrada Inquisição Romana e Universal, fossem notados e condemnados os principaes dentre esses erros.

Por isso, depois de diligentissimo exame e do parecer previo dos Reverendos Senhores Consultores, os Eminentissimos e Reverendissimos Senhores Cardeaes, Inquisidores Geraes em materia de fé e de costumes, julga-

judicarunt, prouti hoc generali Decreto reprobantur ac proscribuntur:

ram que deviam ser condemnadas e proscriptas, como de facto ficam condemnadas e proscriptas as seguintes proposições:

Autoridade das decisões doutrinaes da Egreja

I. — Ecclesiastica lex quæ præscribit subjicere præviæ censuræ libros Divinas respicientes Scripturas, ad cultores critices aut exegeseos scientificæ librorum Veteris et Novi Testamenti non extenditur.

I.—A lei ecclesiastica, que manda submetter á previa censura os livros que tratam das Divinas Escripturas, não se extende aos cultores da critica e da exegese scientifica dos livros do Antigo e do Novo Testamento.

II. — Ecclesiæ interpretatio Sacrorum Librorum non est quidem spernenda, subjacet tamen accuratiori exegetarum judicio et correctioni.

II. —A interpretação dada pela Egreja aos Livros Sagrados, comquanto se não deva desprezar, está todavia sujeita a mais apurado juizo e á correcção dos exegetas.

III. — Ex judiciis et censuris ecclesiasticis contra liberam et cultiorem exegesim latis colligi potest fidem ab Ecclesia propositam contradicere historiæ, et dogmata catholica cum verioribus christianæ religionis originibus componi reipsa non posse.

III.—Pelas sentenças e censuras ecclesiasticas fulminadas contra a exegese livre e mais adiantada, pode se concluir que a fé proposta pela Egreja está em contradicção com a historia e que os dogmas catholicos não podem realmente harmonizar-se com as verdadeiras origens da religião christã.

IV.—Magisterium Ecclesiæ ne per dogmaticas quidem

IV.—O magisterio da Egreja não pode determinar o

definitiones genuinum Sacrarum Scripturarum sensum determinare potest.

V.—Quum in deposito fidei veritates tantum revelatæ contineantur, nullo sub respectu ad Ecclesiam pertinet judicium ferre de assertionibus disciplinarum humanarum.

VI. — In definiendis veritatibus ita collaborant discens et docens Ecclesia, ut docenti Ecclesiæ nihil supersit nisi communes discentis opinationes sancire.

VII. — Ecclesia, cum proscribit errores, nequit a fidelibus exigere ullum internum assensum, quo judicia a se edita complectantur.

VIII.—Ab omni culpa immunes existimandi sunt qui reprobationes a Sacra Congregatione Indicis aliisve Sacris Romanis Congregationibus latas nihili pendunt.

sentido genuino das Sagradas Escripturas, nem mesmo por meio de definições dogmaticas.

V.—Visto que no deposito da fé se conteem sómente verdades reveladas, não compete á Egreja, sob nenhum respeito, proferir juizo sobre as asserções das sciencias humanas.

VI.—Na definição de verdades, a Egreja docente e a discente collaboram de tal modo, que nada mais resta á Egreja docente sinão sanccionar as conjecturas communs da discente.

VII. — A Egreja, quando proscreve erros, não pode de maneira nenhuma exigir que os fieis acceitem seus juizos com assentimento interno.

VIII.—Devem ser considerados immunes de toda a culpa os que nenhum caso fazem das condemnações proferidas pela Sagrada Congregação do Indice, ou pelas outras Sagradas Congregações Romanas.

Nova theoria sobre a Escriptura Sagrada

IX. — Nimiam simplicitatem aut ignorantiam præ se

IX. — Demasiada simplicidade ou ignorancia revelam

ferunt qui Deum credunt vere esse Scripturæ Sacræ auctorem.

X. — Inspiratio librorum Veteris Testamenti in eo constitit quod scriptores israelitæ religiosas doctrinas sub peculiari quodam aspectu, gentibus parum noto aut ignoto, tradiderunt.

XI.—Inspiratio divina non ita ad totam Scripturam Sacram extenditur, ut omnes et singulas ejus partes ab omni errore præmuniat.

XII.—Exegeta, si velit utiliter studiis biblicis incumbere, in primis quamlibet præconceptam opinionem de supernaturali origine Scripturæ Sacræ seponere debet, eamque non aliter interpretari quam cetera documenta mere humana.

XIII. — Parabolas evangelicas ipsimet Evangelistæ ac christiani secundæ et tertiæ generationis artificiose digesserunt, atque ita rationem dederunt exigui fructus prædicationis Christi apud judæos.

os que creem que Deus é verdadeiramente o autor das Sagradas Escripturas.

X. — A inspiração dos livros do Antigo Testamento consistiu em terem os escriptores israelitas ensinado doutrinas religiosas sob um aspecto peculiar, desconhecido ou pouco conhecido dos pagãos.

XI. — A inspiração divina não se extende a toda a Sagrada Escriptura a ponto de preservar de todo o erro todas e cada uma de suas partes.

XII.—O exegeta, si quizer applicar-se com proveito aos estudos biblicos, deve antes de tudo abstrahir de qualquer opinião preconcebida sobre a origem sobrenatural da Escriptura Sagrada e interpretal-a do mesmo modo que os outros documentos meramente humanos.

XIII.—Foram os proprios Evangelistas e os christãos da segunda e da terceira geração, que artificiosamente desfizeram as parabolas evangelicas e depois deram a razão do pouco fructo da prégação de Christo entre os judeus.

XIV. — In pluribus narrationibus non tam quæ vera sunt Evangelistæ retulerunt, quam quæ lectoribus, etsi falsa, censuerunt magis proficua.

XV. — Evangelia usque ad definitum constitutumque canonem continuis additionibus et correctionibus aucta fuerunt; in ipsis proinde doctrinæ Christi non remansit nisi tenue et incertum vestigium.

XVI. — Narrationes Joannis non sunt proprie historia, sed mystica Evangelii contemplatio; sermones, in ejus evangelio contenti, sunt meditationes theologicæ circa mysterium salutis historica veritate destitutæ.

XVII. — Quartum Evangelium miracula exaggeravit non tantum ut extraordinaria magis apparerent, sed etiam ut aptiora fierent ad significandum opus et gloriam Verbi Incarnati.

XVIII. Joannes sibi vindicat quidem rationem testis de Christo; re tamen vera

XIV.—Em diversas narrações, os Evangelistas referiram não tanto o que era verdade, quanto o que, embora falso, julgaram ser mais proveitoso a seus leitores.

XV. — Os Evangelhos soffreram continuas addições e correcções até que fosse estabelecido e constituido o canon; portanto, da doutrina christã não subsiste nelles sinão um vestigio vago e incerto.

XVI. — As narrações de S. João não são propriamente historia, são uma contemplação mystica do Evangelho; os discursos contidos em seu Evangelho são meditações theologicas sobre o mysterio da salvação, destituidas de verdade historica.

XVII. — O quarto Evangelho exagerou os milagres não só para que elles parecessem mais extraordinarios, como tambem para que se tornassem mais aptos para revelar a obra e a gloria do Verbo Encarnado.

XVIII. — E' certo que S. João reivindica para si o caracter de testemunha de

non est nisi eximius testis vitæ christianæ, seu vitæ Christi in Ecclesia, exeunte primo sæculo.

XIX. — Heterodoxi exegetæ fidelius expresserunt sensum verum Scripturarum quam exegetæ catholici.

Christo; na realidade, porém, elle foi apenas uma excellente testemunha da vida christã, ou, da vida de Christo na Egreja, nos fins do primeiro seculo.

XIX. — Os exegetas heterodoxos interpretaram o verdadeiro sentido das Escripturas com mais fidelidade do que os exegetas catholicos.

Philosophia religiosa da nova escola

XX. — Revelatio nihil aliud esse potuit quam acquisita ab homine suæ ad Deum relationis conscientia.

XXI. — Revelatio, objectum fidei catholicæ constituens, non fuit cum Apostolis completa.

XXII. — Dogmata quæ Ecclesia perhibet tamquam revelata, non sunt veritates e cœlo delapsæ, sed sunt interpretatio quædam factorum religiosorum quam humana mens laborioso conatu sibi comparavit.

XXIII. — Existere potest et reipsa existit oppositio inter facta quæ in Sacra Scri-

XX. — A Revelação não podia consistir em outra cousa, sinão em ter o homem adquirido a consciencia de suas relações para com Deus.

XXI. — A Revelação, que constitúe o objecto da fé catholica, não se completou com os Apostolos.

XXII. — Os dogmas que a Egreja dá como revelados, não são verdades cahidas do céo; são uma certa interpretação de factos religiosos, que o espirito humano logrou alcançar á custa de laboriosos esforços.

XXIII. — Pode existir e realmente existe opposição entre os factos relatados na

ptura narrantur eisque innixa Ecclesiæ dogmata ; ita ut criticus tamquam falsa rejicere possit facta quæ Ecclesia tamquam certissima credit.

XXIV.— Reprobandus non est exegeta qui præmissas adstruit, ex quibus sequitur dogmata historice falsa aut dubia esse, dummodo dogmata ipsa directe non neget.

XXV. — Assensus fidei ultimo innititur in congerie probabilitatum.

XXVI.— Dogmata fidei retinenda sunt tautummodo juxta sensum practicum, idest tamquam norma præceptiva agendi, non vero tamquam norma credendi.

Sagrada Escriptura e os dogmas da Egreja que nelles se baseiam ; de modo que o critico pode rejeitar como falsos, factos que a Egreja crê como certissimos.

XXIV. — Não deve ser condemnado o exegeta que estabelece premissas, das quaes se segue que os dogmas são historicamente falsos ou duvidosos, comtanto que elle não negue directamente os mesmos dogmas.

XXV. — O assentimento da fé, em ultima analyse, baseia-se num acervo de probabilidades.

XXVI. — Os dogmas da fé devem ser considerados sómente segundo o sentido pratico, isto é, como norma de proceder e não como norma de crêr.

Christologia de Loisy

XXVII. — Divinitas Jesu Christi ex Evangeliis non probatur ; sed est dogma quod conscientia christiana e notione Messiæ deduxit.

XXVIII.—Jesus, quum ministerium suum exercebat,

XXVII. — A divindade de Jesus Christo não se prova pelos Evangelhos ; é um dogma que a consciencia christã deduziu da noção do Messias.

XXVIII. — Jesus, quando exercia o seu ministerio, não

non in eum finem loquebatur ut doceret se esse Messiam, neque ejus miracula eo spectabant ut id demonstraret.

XXIX. — Concedere licet Christum quem exhibet historia, multo inferiorem esse Christo qui est objectum fidei.

XXX. — In omnibus textibus evangelicis nomen *Filius Dei* æquivalet tantum nomini *Messias*, minime vero significat Christum esse verum et naturalem Dei Filium.

XXXI. — Doctrina de Christo quam tradunt Paulus, Joannes et Concilia Nicænum, Ephesinum, Chalcedonense, non est ea quam Jesus docuit, sed quam de Jesu concepit conscientia christiana.

XXXII. — Conciliari nequit sensus naturalis textum evangelicorum cum eo quod nostri theologi docent de conscientia et scientia infallibili Jesu Christi.

XXXIII. — Evidens est cuique qui præconceptis non ducitur opinionibus, Jesum aut

falava com o intuito de ensinar que era o Messias, nem os seus milagres tinham por fim demonstral-o.

XXIX. — Pode conceder-se que o Christo, tal como a historia representa, é muito inferior ao Christo, objecto da fé.

XXX. — O nome de *Filho de Deus*, em todos os textos evangelicos, equivale sómente ao nome de *Messias*; não significa, porém, que Christo seja Filho verdadeiro e natural de Deus.

XXXI. — A doutrina sobre Christo, ensinada por S. Paulo, S. João, e pelos concilios de Nicéa, de Epheso e da Chalcedonia, não é a ensinada por Jesus; é a que a consciencia christã ideiou a respeito de Jesus.

XXXII. — O sentido natural dos textos evangelicos não pode conciliar-se com o que ensinam os nossos theologos sobre a consciencia e a sciencia infallivel de Jesus Christo.

XXXIII. — E' evidente para quem se não deixa levar por preconceitos que, ou Jesus

errorem de proximo messianico adventu fuisse professum, aut majorem partem ipsius doctrinæ in Evangeliis Synopticis contentæ authenticitate carere.

XXXIV. — Criticus nequit asserere Christo scientiam nullo circumscriptam limite nisi facta hypothesi, quæ historice haud concipi potest, quæque sensui morali repugnat, nempe Christum uti hominem habuisse scientiam Dei et nihilominus noluisse notitiam tot rerum communicare cum discipulis ac posteritate.

XXXV. — Christus non semper habuit conscientiam suæ dignitatis messianicæ.

XXXVI. — Resurrectio Salvatoris non est proprie factum ordinis historici, sed factum ordinis mere supernaturalis, nec demonstratum nec demonstrabile, quod conscientia christiana sensim ex aliis derivavit.

XXXVII. — Fides in resurrectionem Christi ab ini-

professou o erro acerca do proximo advento do Messias, ou não tem authenticidade a maior parte de sua doutrina, contida nos Evangelhos Synopticos.

XXXIV. — O critico não pode attribuir a Christo uma sciencia inteiramente illimitada, sinão na hypothese, que se não pode conceber historicamente e que repugna ao senso moral, isto é, de ter Christo possuido como homem a sciencia de Deus e no emtanto. não ter querido communicar a seus discipulos e á posteridade o conhecimento de tantas cousas.

XXXV. — Nem sempre Christo teve consciencia de sua dignidade messianica.

XXXVI. — A resurreição do Salvador não é propriamente um facto de ordem historica, mas de ordem meramente sobrenatural, que não foi demonstrado, nem é demonstravel, e que a consciencia christã insensivelmente deduziu de outros factos.

XXXVII. — A fé na resurreição de Christo consis-

tio fuit non tam de facto ipso resurrectionis, quam de vita Christi immortali apud Deum.

XXXVIII. — Doctrina de morte piaculari Christi non est evangelica sed tantum paulina.

tia a principio não tanto no proprio facto da resurreição quanto na vida immortal de Christo junto de Deus.

XXXVIII. — A doutrina sobre a morte expiatoria de Christo não é evangelica, mas sómente paulina (de S. Paulo).

Origem dos Sacramentos

XXXIX. — Opiniones de origine sacramentorum, quibus Patres Tridentini imbuti erant quæque in eorum canones dogmaticos procul dubio influxum habuerunt, longe distant ab iis quæ nunc penes historicos rei christianæ indagatores merito obtinent.

XXXIX. — As opiniões de que se achavam imbuidos os Padres do Concilio Tridentino, sobre a origem dos sacramentos e que sem duvida influiram em seus Canones dogmaticos, estão muito distantes das que hoje com fundamento sustentam os investigadores historicos do christianismo.

XL. — Sacramenta ortum habuerunt ex eo quod Apostoli eorumque successores, ideam aliquam et intentionem Christi, suadentibus et moventibus circumstantiis et eventibus, interpretati sunt.

XL. — Os sacramentos tiveram a sua origem dos Apostolos e seus successores que, por inspiração e impulso das circumstancias e dos acontecimentos, interpretaram alguma idéa e intenção de Christo.

XLI. — Sacramenta eo tantum spectant ut in mentem hominis revocent præsentiam Creatoris semper beneficam.

XLI. — Os sacramentos teem por fim unico despertar na mente do homem a idéa da presença sempre benefica do Creador.

XLII. — Communitas christiana necessitatem baptismi induxit, adoptans illum tamquam ritum necessarium, eique professionis christianæ obligationes adnectens.

XLIII. — Usus conferendi baptismum infantibus evolutio fuit disciplinaris, quæ una ex causis extitit ut sacramentum resolveretur in duo, in baptismum scilicet et pœnitentiam.

XLIV. — Nihil probat ritum sacramenti confirmationis usurpatum fuisse ab Apostolis; formalis autem distinctio duorum sacramentorum, baptismi scilicet et confirmationis, haud spectat ad historiam christianismi primitivi.

XLV. — Non omnia quæ narrat Paulus de institutione Eucharistiæ (*I Cor.* XI, 23-25), historice sunt sumenda.

XLVI. — Non adfuit in primitiva Ecclesia conceptus de christiano peccatore auctoritate Ecclesiæ reconciliato, sed Ecclesia nonnisi admo-

XLII. — A communidade christã introduziu a necessidade do baptismo, adoptando-o como um rito necessario e annexando-lhe obrigações da profissão christã.

XLIII. — O uso de conferir o baptismo ás creanças foi uma evolução disciplinar que concorreu como uma das causas, para que este sacramento se desdobrasse em dous, a saber: o baptismo e a penitencia.

XLIV. — Nada ha que prove que o rito do sacramento da confirmação tivesse sido usado pelos Apostolos; ao contrario, a distincção formal dos dous sacramentos, do baptismo e da confirmação não tem nenhuma relação com a historia do christianismo primitivo.

XLV. — Nem tudo o que narra S. Paulo sobre a instituição da Eucharistia (*I Cor. XI, 23-25*) pode ser acceito historicamente.

XLVI. — Não existia na primitiva Egreja o conceito do christão peccador reconciliado pela autoridade da Egreja, mas só muito lenta-

dum lente hujusmodi conceptui assuevit. Imo etiam postquam pœnitentia tamquam Ecclesiæ institutio agnita fuit, non appellabatur sacramenti nomine, eo quod haberetur uti sacramentum probrosum.

XLVII. — Verba Domini *Accipite Spiritum Sanctum; quorum remiseritis peccata, remittuntur eis, et quorum retinueritis, retenta sunt* (*Joan.* XX, 22 et 23) minime referuntur ad sacramentum pœnitentiæ, quidquid Patribus Tridentinis asserere placuit.

XLVIII. — Jacobus in sua epistola (vv. 14 et 15) non intendit promulgare aliquod sacramentum Christi, sed commendare pium aliquem morem, et si in hoc more forte cernit medium aliquod gratiæ, id non accipit eo rigore, quo acceperunt theologi qui notionem et numerum sacramentorum statuerunt.

XLIX. — Cœna christiana paullatim indolem actionis liturgicæ assumente, hi, qui

mente ella se affez a este conceito. Alem disso, ainda mesmo depois que a penitencia foi reconhecida como instituição da Egreja, não se lhe chamava pelo nome de sacramento, porque seria tido como um sacramento infamante.

XLVII. — As palavras do Senhor : *Recebei o Espirito Santo* ; *os peccados que perdoardes, serão perdoados e os que retiverdes, serão retidos* (João. XX, 22 e 23) não se referem ao sacramento da penitencia, por mais que o tenham querido affirmar os Padres do Concilio Tridentino.

XLVIII.— Thiago em sua Epistola(v.14 e 15)não teve intenção de promulgar nenhum Sacramento de Christo, mas de recommendar um pio costume, e si nesse costume elle vê talvez algum meio da graça, não o toma com o rigor com que o tomaram os theologos que determinaram a noção e o numero dos sacramentos.

XLIX. — A Ceia Christã, assumindo a pouco e pouco a indole de ceremonia liturgica,

Cœnæ præesse consueverant, characterem sacerdotalem acquisiverunt.

L. — Seniores qui in christianorum cœtibus invigilandi munere fungebantur, instituti sunt ab Apostolis presbyteri aut episcopi ad providendum necessariæ crescentium communitatum ordinationi, non proprie ad perpetuandam missionem et potestatem Apostolicam.

LI. — Matrimonium non potuit evadere sacramentum novæ legis nisi serius in Ecclesia; siquidem ut matrimonium pro sacramento haberetur necesse erat ut præcederet plena doctrinæ de gratia et sacramentis theologica explicatio.

foi causa de que aquelles que tinham por costume presidil-a, adquirissem o caracter sacerdotal.

L. – Os anciãos que exerciam o ministerio da vigilancia nas assembléas dos christãos, foram pelos Apostolos constituidos presbyteros ou bispos para proverem á necessaria organisação das communidades crescentes, e não propriamente para perpetuarem a missão e o poder dos Apostolos.

LI.—O Matrimonio só muito tarde poude tornar-se na Egreja sacramento da nova lei; pois, para que o matrimonio fosse considerado sacramento era necessario que precedesse uma completa explicação theologica sobre a doutrina da graça e dos sacramentos.

Nova theoria sobre a Egreja

LII. — Alienum fuit a mente Christi Ecclesiam constituere veluti societatem super terram per longam sæculorum seriem duraturam; quin imo in mente Christi regnum cœli

LII. — Christo não pensou constituir a Egreja como uma sociedade destinada a durar na terra por uma longa serie de seculos; alem disso, na mente de Christo, o reino dos

una cum fine mundi jamjam adventurum erat.

LIII.—Constitutio organica Ecclesiæ non est immutabilis; sed societas christiana perpetuæ evolutioni æque ac societas humana est obnoxia.

LIV. – Dogmata, sacramenta, hierarchia, tum quod ad realitatem attinet, non sunt nisi intelligentiæ christianæ interpretationes evolutionesque quæ exiguum germen in Evangelio latens externis incrementis auxerunt perfeceruntque.

LV.— Simon Petrus ne suspicatus quidem unquam est sibi a Christo demandatum esse primatum in Ecclesia.

LVI. — Ecclesia Romana non ex divinæ providentiæ ordinatione, sed ex mere politicis conditionibus caput omnium Ecclesiarum effecta est.

céos juntamente com o fim do mundo já deveria ter chegado.

LIII. — A constituição organica da Egreja não é immutavel; a sociedade christã assim como a sociedade humana está sujeita á perpetua evolução.

LIV.— Os dogmas, os sacramentos, e a jerarchia, tanto em sua noção, quanto em sua realidade, não passam de interpretações e evoluções do pensamento christão que, por meio de incrementos externos, desenvolveram e aperfeiçoaram um pequeno germen que existia em estado latente no Evangelho.

LV.— Simão Pedro verdadeiramente nunca suppoz que Christo lhe confiara o primado na Egreja.

LVI. — A Egreja Romana não por disposição da divina providencia, mas em virtude de circumstancias meramente politicas, tornou-se a cabeça de todas as Egrejas.

Evolucionismo absoluto e illimitado

LVII. — Ecclesia sese præbet scientiarum naturalium et

LVII.—A egreja mostra-se inimiga dos progressos das

theologicarum progressibus infensam.

LVIII. — Veritas non est immutabilis plusquam ipse homo, quippe quæ cum ipso, in ipso et per ipsum evolvitur.

LIX. –Christus determinatum doctrinæ corpus omnibus temporibus cunctisque hominibus applicabile non docuit, sed potius inchoavit motum quemdam religiosum diversis temporibus ac locis adaptatum vel adaptandum.

LX. — Doctrina christiana in suis exordiis fuit judaica, seu facta est per successivas evolutiones primum paulina, tum joannica, demum hellenica et universalis.

LXI — Dici potest absque paradoxo nullum Scripturæ caput, a primo Genesis ad postremum Apocalypsis, continere doctrinam prorsus identicam illi quam super eadem re tradit Ecclesia, et idcirco nullum Scripturæ caput habere eumdem sensum pro critico ac pro theologo.

sciencias naturaes e theologicas.

LVIII. — A verdade não é menos immutavel do que o homem, pois que evolúe com elle, nelle e por elle.

LIX. – Christo não ensinou um corpo fixo de doutrina applicavel a todos os tempos e a todos os homens, inaugurou em vez certo movimento religioso que se adapta, ou que deve ser adaptado aos diversos tempos e logares.

LX. — A doutrina christã foi judaica a principio, mas por successivas evoluções tornou-se paulina, depois joannica e finalmente hellenica e universal.

LXI. — Pode-se dizer sem paradoxo, que nenhum capitulo da Escriptura, desde o primeiro do Genesis até o ultimo do Apocalypse, contem doutrina inteiramente identica á que sobre o mesmo ponto ensina a Egreja ; e por conseguinte nenhum capitulo da Escriptura tem o mesmo sentido para o critico e para o theologo.

LXII. — Præcipui articuli Symboli Apostolici non eamdem pro christianis primorum temporum significationem habebant quam habent pro christianis nostri temporis.

LXIII.—Ecclesia sese præbet imparem ethicæ evangelicæ efficaciter tuendæ, quia obstinate adhæret immutabilibus doctrinis quæ cum hodiernis progressibus componi nequeunt.

LXIV. — Progressus scientiarum postulat ut reformentur conceptus doctrinæ christianæ de Deo, de Creatione, de Revelatione, de Persona Verbi Incarnati, de Redemptione.

LXV. — Catholicismus hodiernus cum vera scientia componi nequit nisi transformetur in quemdam christianismum non dogmaticum, id est in protestantismum latum et liberalem.

Sequenti vero feria V. die 4 ejusdem mensis et anni, facta de his omnibus SSmo. D. N. Pio Pp. X accurata relatione. Sanctitas Sua Decretum Emorum Patrum ad-

LXII.—Os principaes artigos do Symbolo dos Apostolos não tinham a mesma significação entre os christãos dos primeiros tempos do que a que tem entre os christãos de nossas dias.

LXIII.—A Egreja mostra-se incapaz de defender efficazmente a moral evangelica, porque adhere obstinadamente a doutrinas immutaveis, que não podem conciliar-se com o progresso moderno.

LXIV. — O progresso das sciencias exige que se reformem os conceitos da doutrina christã sobre Deus, a Creação, a Revelação, a Pessôa do Verbo Encarnado e a Redempção.

LXV. — O catholicismo actual não pode harmonisar-se com a verdadeira sciencia a não ser que se transforme num christianismo sem dogmas, isto é: num protestantismo largo e liberal.

E na quinta-feira immediata, dia 4 do mesmo mez e anno, tendo-se feito de tudo isto minuciosa relação a nosso SSmo. Padre o Papa Pio X, Sua Santidade approvou e

probavit et confirmavit, ac omnes et singulas supra recensitas propositiones ceu reprobatas ac proscriptas ab omnibus haberi mandavit.

PETRUS PALOMBELLI
S. R. U. I. Notarius.

Concordat cum originali.

Flumine Januario, 31 Januarii 1908.

ANTONIUS ALVES.

confirmou o Decreto dos Eminentissimos Padres e mandou que todas e cada uma das proposições acima referidas fossem tidas por todos como condemnadas e proscriptas.

PEDRO PALOMBELLI
Notario da S. I. R. U.

Concorda com o original.

Rio 31 de Janeiro de 1908.

Mons.r ALVES.